

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

**VANUZA SANTOS WISTUBA**

**TENDÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DAS  
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DO SITE  
*TERRA SEM MALES***

**DISSERTAÇÃO**

**CURITIBA**

**2017**

**VANUZA SANTOS WISTUBA**

**TENDÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO POPULAR NO CONTEXTO DAS  
TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO: UM ESTUDO DE CASO DO SITE  
*TERRÁ SEM MALES***

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos de Linguagens (PPGEL) – na linha de pesquisa Estéticas Contemporâneas, Modernidade e Tecnologia, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima

**CURITIBA**

**2017**

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**

---

W817t  
2017

Wistuba, Vanuza Santos  
Tendências da comunicação popular no contexto das  
tecnologias da informação : um estudo de caso do site  
Terra sem males / Vanuza Santos Wistuba.-- 2017.  
103 f.: il.; 30 cm.

Disponível também via World Wide Web. Texto em  
português, com resumo em inglês. Dissertação  
(Mestrado) - Universidade Tecnológica  
Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Estudos  
de Linguagens, Curitiba, 2017.  
Bibliografia: f. 76-77.

1. Terra sem males - Estudo de casos. 2. Comunicação  
e tecnologia. 3. Comunicação de massa - Aspectos sociais.  
4. Jornalismo eletrônico. 5. Sites da Web. 6. Mídia  
digital. 7. Tecnologia da informação - Aspectos sociais.  
8. Cidadania. 9. Linguagem e línguas - Dissertações. I.  
Lima, Marcelo Fernando de, orient. II. Universidade  
Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em  
Estudos de Linguagens. III. Título.

CDD: Ed. 22 - 400

---

**Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR**



Ministério da Educação

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação

## TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 01

A Dissertação de Mestrado intitulada *Tendências da comunicação popular no contexto das tecnologias da informação: um estudo de caso do site “Terra sem males”*, defendida em sessão pública pela candidata **Vanuza Aparecida Santos Wistuba**, no dia 31 de maio de 2017, foi julgada para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagens, área de concentração Linguagem e Tecnologia, e aprovada, em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

### BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima – presidente – PPGEL/UTFPR

Prof. Dr. Elson Faxina – membro avaliador – UFPR

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maurini de Souza – membro avaliador – PPGEL/UTFPR

A via original deste documento encontra-se arquivada na Secretaria do Programa, contendo a assinatura da Coordenação após a entrega da versão corrigida do trabalho.

Curitiba, 23 de junho de 2017.

Carimbo e Assinatura do(a) Coordenador(a) do Programa

## **AGRADECIMENTO**

Ao meu Leandro, meu amor, grande incentivador, companheiro de todas as horas, meu suporte e fonte inesgotável de carinho e amor nesse e em todos os momentos. Obrigada, meu presente dos céus.

À minha mãe, Glaci, pelo apoio da vida toda e por ser também àquela que me lembra de quem eu sou e como cheguei até aqui.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima, pelos ensinamentos e apoio à minha formação desde a graduação, pela dedicação e pela amizade.

Aos membros da banca, Prof<sup>o</sup>. Dr. Elson Faxina e Prof<sup>a</sup>. Dra. Maurini de Souza, pelas importantes contribuições para o aprimoramento desta dissertação, bem como por serem companheiros na busca por um mundo mais humano.

Aos meus amigos – e fonte de inspiração e admiração, Paula e Joka, pelo trabalho lindo que realizam, pela ajuda durante a realização desta dissertação e principalmente por serem personagens de um novo jeito de fazer comunicação.

Aos demais professores do mestrado, pela entrega com que lecionam e pelo empenho em nos ajudar a trilhar o caminho do conhecimento.

Aos meus colegas de turma, pelo aprendizado em conjunto e, principalmente, à minha amiga Marcia Mucha, pelas leituras desse trabalho, pela companhia e pela amizade.

Esperanza, Paciência  
Lealdade, Teimosia  
E mais dia menos dia  
A lei da selva vai mudar  
Todos juntos somos fortes  
Somos flecha e somos arco  
Todos nós no mesmo barco  
Não há nada pra temer  
- Ao meu lado há um amigo  
Que é preciso proteger  
Todos juntos somos fortes  
Não há nada pra temer  
E no mundo dizem que são tantos  
Saltimbancos como somos nós  
(HOLANDA, Chico Buarque, 1977)

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar tendências da comunicação popular, suas relações com as tecnologias digitais e seus resultados como processo comunicacional que atua diretamente na formação do indivíduo e no seu papel como cidadão. A pesquisa foi embasada em diversos teóricos da comunicação e dos estudos de linguagens. O presente trabalho usa como base três reportagens publicadas no portal *Terra sem Males*. A análise reforça a tese de que a comunicação popular pode ser feita por pessoas que não moram nas comunidades retratadas nas reportagens. Com esta pesquisa, pretendemos contribuir para a discussão sobre o papel da comunicação popular, das tecnologias da informação e dos líderes de opinião na democratização da informação e na produção de conteúdo que contemple pessoas que vivem à margem da sociedade. O texto está dividido em oito capítulos. Nos cinco primeiros capítulos, trazemos informações sobre o início da comunicação popular no Brasil e sua trajetória, bem como a influência que recebeu com a expansão da internet e o fortalecimento das tecnologias digitais para ampliar sua atuação e abrangência. No sexto capítulo, apresentamos o *Terra sem Males*. Os dois últimos capítulos estão reservados à conclusão da análise. Neles, ressaltamos as tendências do papel da comunicação popular reveladas pelo estudo de caso e sua contribuição para a cidadania.

**Palavras-chave:** Comunicação popular. Cidadania. Tecnologias da informação. *Terra sem males*.

## ABSTRACT

The aim of this work is to present some tendencies in popular communication, its relationships with digital technologies and its goals as a communicational process acting directly in the process of educating individuals and in their role as citizens. Our research was based on authors which discuss communication and language studies. We study three reports published on the website *Terra sem Males*. The analysis reinforces the idea that popular communication can also be made by people who don't live in the communities shown by the reports. With this work, we intent to contribute to the debate about the role of popular communication, information technologies and opinion leaders in the democratization of information and in the production of content which involves people who live on the fringe of society. The text is divided into eight chapters. The first five chapters present information about the beginning of popular communication in Brazil and its trajectory, as well as show the influence of the internet and the strengthening of digital technologies to amplify the performance and the reach of popular communication. The chapter six presents the website *Terra sem Males*. In the last two chapters, where the analysis takes place, we point out the main roles of the popular communication revealed in the study and its contribution for the development of citizenship.

**Keywords:** Popular communication. Citizenship. Information Technologies. *Terra sem males*.

## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 - MARIA DE MACEDO .....	48
IMAGEM 2 - MARIA GOTERI .....	24
IMAGEM 3 - MANOEL DA SILVA .....	53
IMAGEM 4 - CRISTIANA APARECIDA .....	54
IMAGEM 5 - ACAMPAMENTO TOMÁS BADUÍNO .....	59
IMAGEM 6 - CONFRONTO MANIFSTANTES E CHOQUE .....	63
IMAGEM 7 - PANORÂMICA DO CONFRONTO .....	64
IMAGEM 8 - MANIFESTANTES FERIDOS .....	65
IMAGEM 9 - BOMBAS AR LACRIMOGÊNICO .....	66
IMAGEM 10 – POLICIAIS LANÇANDO BOMBAS .....	66
IMAGEM 11 – AÉREA DO CONFRONTO .....	67

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO .....	9
2.	A COMUNICAÇÃO POPULAR NO BRASIL E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO .....	16
3.	A COMUNICAÇÃO POPULAR NO BRASIL – ASPECTOS HISTÓRICOS .....	24
4.	DIVERSAS NOMENCLATURAS – COMUNICAÇÃO POPULAR, INDEPENDENTE, COMUNITÁRIA .....	30
5.	COMUNICAÇÃO ORGÂNICA .....	35
6.	TERRA SEM MALES .....	41
	6.1 Outro olhar sobre a tragédia em Mariana .....	48
	6.2 Minha terra, minha vida .....	55
	6.3 Protesto não é crime .....	61
7.	CONCLUSÃO DA ANÁLISE .....	68
8.	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	71
	REFERENCIAL TEÓRICO .....	75
	APÊNDICE .....	78
	ANEXOS .....	86

## 1 INTRODUÇÃO

Quando acontece uma tragédia como a ocorrida em Mariana/MG, em novembro de 2015, após o rompimento de uma barragem administrada pela empresa de mineração Samarco, a notícia se espalha rapidamente e é divulgada por todos os veículos de comunicação nacionais, independente do tamanho ou a abrangência, e até mesmo por diversos meios de comunicação internacionais. Afinal, um acontecimento como esse não é excluído das notícias veiculadas por quem quer que seja.

No entanto, se lançarmos um olhar um pouco mais aprofundado nessas divulgações, será possível ver semelhanças que vão além do tema em si. Em casos como esse – e nas demais pautas também, infelizmente, se analisarmos os textos com mais calma e tivermos a iniciativa de compará-los, será possível perceber que a maioria dos veículos de comunicação tradicionais divulga os textos com as mesmas informações e enfoques, quase sempre partindo do ponto de vista de fontes de poderes dominantes e pouco (ou nunca) levando em consideração o impacto pelo olhar de quem foi atingido pela tragédia.

Os meios de comunicação tradicionais raras vezes mostram um ou outro personagem, para, no jargão jornalístico, “humanizar” a matéria, mas esse conteúdo fica solto e até mesmo deslocado no meio do posicionamento padrão da mídia tradicional. A situação fica ainda pior quando uma única reportagem elaborada por uma agência de notícias ligada aos grupos de mídia dominantes serve de fonte e de base para todos os outros meios de comunicação. Nessas situações, o monopólio do enfoque é tão devastador que a maioria das pessoas irá receber apenas a “lasca” da informação que foi fragmentada por um único grupo de comunicadores ou, em alguns casos, por um único comunicador.

Com a missão de mostrar outros lados dos acontecimentos, enfoques diferenciados, pontos de vista de pessoas que não são o público-alvo da imprensa tradicional, notícias que impactem na vida dos cidadãos e ser o porta-voz de quem não se vê retratado pela mídia dominante é que encontrou espaço e se consolidou o site de informação *Terra sem Males*, objeto desta dissertação, e os veículos de comunicação popular.

Segundo Paiva, os veículos de comunicação popular ou alternativa emergem justamente como uma opção de enfrentamento contra a visão unilateral do monopólio da versão pública dos fatos que as grandes redes de informação oferecem à população:

Trata-se do momento em que restam poucas opções diferentes de espectro oferecido, que se corporifica como oficial. A padronização do enfoque e a impregnação pelo consumo propiciam, no esgotamento das formas, também a perspectiva de opções

até então alijadas. Esse é o panorama que permite a inserção de novos atores informativos e novas propostas comunicacionais (PAIVA, 2003, p. 135).

No conceito de notícia de Costalles, por exemplo, “entram os elementos acontecimento, atualidade, interesse do público e comunicabilidade” (IN: MEDINA, 1988, p.68). Esses elementos se encaixam com o estilo de informação que pode ser retirada do que acontece e impacta as comunidades e as pessoas comuns, mas que hoje, no geral, são retratados pela imprensa alternativa e pela comunicação popular.

Para Charaudeau,

a informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo. Assim se produziria um ato de transmissão que faria com que o indivíduo passasse de um estado de ignorância a um estado de saber, que o tiraria do desconhecido para mergulhá-lo no conhecido, e isso graça à ação, a priori benévola, de alguém que, por essa razão, poderia ser considerado um benfeitor (2013, p. 33).

A presente dissertação tem como objetivo geral analisar as tendências da comunicação popular no contexto das tecnologias da informação. Para tanto, o objeto analisado será um estudo de caso do site *Terra sem Males*<sup>1</sup>, de jornalismo independente baseado nas premissas da comunicação popular.

Os objetivos específicos baseiam-se na intenção de estudar o ciberespaço como ferramenta de empoderamento usada pela comunicação popular para aumentar o acesso de classes sociais excluídas da grande imprensa, buscando transmitir a voz e auxiliar no acesso à cidadania desses atores sociais. Para dar suporte à pesquisa, será feita uma breve análise do objeto e uma reflexão teórica que embase a especificidade dos temas. A reflexão sobre as formas de comunicação será feita a partir da comparação entre a linguagem e os formatos comumente utilizados na comunicação tradicional e na comunicação popular, originada no âmbito dos movimentos sociais, seu impacto na formação do indivíduo e no seu papel como cidadão.

A comunicação popular, por ser uma alternativa de informação que não conta com os mesmos recursos financeiros e econômicos das grandes corporações tem como base a produção de notícias feitas quase sempre por pessoas da própria comunidade ou simpatizantes dos movimentos, de forma não remunerada e sem espaço físico específico para essa atividade. Essas particularidades contribuem para que as plataformas via web se tornem uma alternativa

---

<sup>1</sup> TERRA sem Males. 2016. Disponível em: <<http://www.terrasemmales.com.br/>>. Acesso em: 30 jul. 2016.

para esse estilo de comunicação, uma vez que possibilitam a construção de conteúdos colaborativos, maior alcance na divulgação e custo baixo.

Segundo Marcuschi,

a linguagem da internet tem seus pressupostos que, naturalmente, estão caminhando para um novo e/ou outro modelo de comunicação. A internet se transformou em um veículo de comunicação com uma linguagem acessível à maior parte dos hiperleitores e, desse modo, há uma exploração dos termos dessa área, os quais são transferidos para o contexto social e divulgados como uma linguagem global. Assim sendo, as mensagens veiculadas nos sites são destinadas a todo tipo de público. No entanto, o locutor precisa estar sempre atento ao emprego da linguagem, uma vez que não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentidos (2010, p.101).

Unida ao poder de alcance, a interatividade proporcionada pelas tecnologias digitais e redes sociais possibilitou que cada pessoa torne-se ator na disseminação das causas e agente de informação e divulgação das ações, projetos e valores defendidos pelas entidades e comunidades. Dessa forma, a comunicação comunitária ganhou mais produtores de notícias, que aumentaram o alcance das divulgações e, com isso, ampliam cada vez mais suas redes.

Gohn ressalta que a existência dessas redes de pessoas unidas por uma causa, sobretudo aquelas que usam a internet para divulgar os conteúdos, faz parte de uma nova era das organizações sociais, que não necessitam estar localizadas no mesmo território para se organizar. Não existe mais distância, e o elo passa a ser a atuação e não a comunidade a que as organizações pertencem:

Trata-se de uma nova cultura política que tem levado os movimentos locais a alargarem a sua visão e a unificarem as suas forças em frentes comuns de ação, permitindo confrontar uma pluralidade de orientações e atores políticos, o que aponta para o pluralismo democrático, elemento central para a democracia participativa e radical (GOHN, 2014, p. 219).

Em contraponto a isso, a imprensa tradicional “bombardeia” diariamente as pessoas, por meio de diversos canais de mídia, de notícias instantâneas de todo o mundo, mas é pobre em conteúdos que sejam relevantes para o dia a dia da maioria das pessoas. Segundo Charaudeau,

é claro que as mídias nos impõem suas escolhas dos acontecimentos. Não é, como dizem, porque elas tornem visível o invisível, mas porque só tornam visível aquele visível que decidiram nos exhibir, e esse visível não é necessariamente igual àquele que o cidadão espera ou deseja: agenda midiática, agenda política e agenda cidadã não são sempre as mesmas (2013, p. 253).

A atual concentração dos meios de comunicação, com bases econômicas e de poder praticamente monopolizadas na mão de alguns grupos empresariais, relegou importantes

setores da sociedade civil organizada e a maioria da população à condição de consumidores de informação produzida pelas suas mãos e sob as suas ideologias. A comunicação popular, caracterizada por notícias e informações construídas para as comunidades, com suas várias possibilidades de pautas e enfoques alternativos e mais realistas, se consolidou como uma alternativa ao discurso hegemônico das redes de comunicação tradicionais.

Em tempos em que a distância entre a imprensa tradicional e o interesse público parece ficar cada vez maior, a comunicação popular aparece como uma alternativa para colocar os assuntos da comunidade em destaque e provocar o debate entre os seus integrantes e as demais pessoas da sociedade. Muitas vezes esse é o ponto de partida para colocar a comunidade e os seus moradores na pauta da sociedade. Segundo a editora do *Terra sem Males*, Paula Padilha,

A gente costuma pensar e verbalizar que somos um veículo de comunicação independente, com linguagem popular, para dar voz a quem não tem voz (sic) e que não estamos aqui para concorrer com as demais iniciativas, mas para somar. Essa é a nossa luta diária, somar na comunicação não-comercial (TERRA SEM MALES, 2016).

A partir do problema aqui analisado, verificaremos em que medida o uso das tecnologias de informação podem ser usadas como ferramentas pelos movimentos sociais e veículos de comunicação popular para diminuir a distância entre a notícia e os públicos excluídos pela mídia tradicional.

O site *Terra sem Males* foi escolhido por se tratar de um veículo de comunicação independente e popular, e que aparece como uma alternativa de informação e divulgação de temas relevantes para uma parcela da sociedade sem espaço para divulgar sua voz e também como facilitadora na busca pela cidadania para essas pessoas que vivem à margem da grande imprensa.

Afinal, a comunicação popular, construída sobre problemas e assuntos cotidianos, segundo Peruzzo, pode ser um instrumento de acesso à cidadania:

No âmago da questão, o que está colocado, falando de modo claro e sintético, é a premência do uso dos meios de comunicação em benefício da cidadania e que esta é construída pelos próprios cidadãos, na sua interação com as outras forças construtivas da sociedade (PERUZZO, 1998, p. 256).

Nesse sentido, a justificativa da presente dissertação encontra-se no fato de que podemos pensar nas mídias que funcionam por meio de veículos populares e comunitários, com grande impacto em termos de questionamento, como mecanismos de resistência aos

aparatos de dominação da mídia tradicional e suas grandes corporações com ampla força política e econômica.

Para Martino,

a troca simbólica a partir da qual é criado o senso comum se dá no espaço da comunicação de massa. [...] Por conta disso, as estruturas de significado geradas e divulgadas pela mídia ganham total importância para a compreensão do “mundo da vida”. Os meios de comunicação definem os limites externos da realidade social (2007, p. 125).

Em parte, por essas características, somadas à popularização da internet e das mídias sociais, as tecnologias digitais passaram a ser um dos mais importantes e influentes meios usados pela comunicação popular para atingir seu objetivo de falar com pessoas de diversas classes sociais e diretamente com o seu público-alvo, conforme acontece no *Terra sem Males*.

Segundo os autores, o TSM tem como público-alvo principal pessoas que atuam em movimentos sociais, personagens de suas reportagens, intelectuais, professores, estudantes e comunicadores populares que, de alguma forma, estão envolvidos em questões de impacto social, sendo a maioria considerada de “esquerda ou progressista”. Segundo Padilha, o próprio enfoque e a escolha de pautas e personagens ajudam a definir o público-alvo:

Sempre damos visibilidade a eventos de formação. E como isso normalmente não é feito por sites de notícias, às vezes somos o único veículo de comunicação, além do oficial dos eventos, a produzir conteúdo. Utilizamos esses eventos para divulgar o site também, e a nossa forma de divulgar o site é distribuir as versões impressas dos jornais para as pessoas em eventos, atos, manifestações. Isso amplia muito o público-alvo, chega quase a fugir do controle (TERRA SEM MALES, 2016).

Para analisar as questões aqui descritas, as fontes teóricas selecionadas para ancorar e contextualizar a presente dissertação serão das escolas das teorias da comunicação e de estudos das linguagens, sob o enfoque da comunicação como instrumento de acesso à cidadania e à comunicação popular como meio para a formação de redes que, com o crescimento do meio digital e das novas tecnologias, possibilitam a construção colaborativa e alternativa à imprensa tradicional, visando ampliar o acesso ao conhecimento e à informação.

Afinal, segundo Gramsci, a comunicação – e o jornalismo, são instrumentos de mudanças sociais e, ao serem associados aos intelectuais orgânicos, têm a possibilidade de criar veículos que realmente consigam interferir positivamente na realidade dos seus públicos:

[...] o jornalismo não somente pretende satisfazer todas as necessidades (de uma certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, criar seu público e ampliar progressivamente sua área. Se examinam todas as formas de jornalismo e de atividade publicístico-editorial existentes, em geral, vê-se que cada uma delas

pressupõe outras forças a integrar ou às quais coordenar-se "mecanicamente" (GRAMSCI, 1982, p. 161).

O trabalho será desenvolvido com base na metodologia de análise de conteúdo teorizada por Bardin como,

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (2011, p. 47).

Segundo o autor, a análise de conteúdo deve ser aplicada na pesquisa na forma de um método de categorização que permite separar cada componente dos significados da mensagem do objeto analisado em “gavetas”. Bardin ressalta que o método permite que, além de organizar os conceitos, seja possível fazer uma análise mais aprofundada dos significados por meio de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo extraído do *corpus* e da análise feita posteriormente.

Para Barton e Lee, mais importante do que encaixar a pesquisa em uma ou mais teorias, é a postura do pesquisador e sua capacidade de combinar textos e práticas que devem ser priorizados ao fazer análise de material online:

Afinal, segundo Barton e Lee:

entender a linguagem online no bojo duma teoria prático-social da linguagem e de letramento torna possível repensar os significados de texto em nossos dados e também considerar como os textos são produzidos em contextos idênticos de uso e, mais importante, por que as pessoas empregam estratégias linguísticas diferentes em diferentes contextos de uso. Por certo, as descrições linguísticas não podem, sozinhas, lidar com estas questões (BARTON; LEE, 2015, p.220).

Chizzotti (2010, p. 98) ressalta que o “objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. Objetivo que também é o da presente dissertação.

Este trabalho está dividido em oito capítulos, sendo o segundo a “Comunicação popular no Brasil e as Tecnologias da informação”, que traz informações relevantes do início da comunicação popular no Brasil e a trajetória, bem como a influência que essa forma de comunicação recebeu com a expansão da internet e o fortalecimento das novas tecnologias para ampliar sua atuação e abrangência. O terceiro capítulo traça um histórico dos veículos de comunicação popular e alternativa surgidos no Brasil nas décadas de 60 e 70 e levanta as motivações que unem a comunicação popular ao longo dos anos. O quarto capítulo, “As diversas nomenclaturas – popular, independente e comunitária” faz um debate sobre as

diversas nomenclaturas usadas para delimitar as forma de comunicação que se distanciam da comumente empregada pela comunicação tradicional, chamadas de comunicação popular, comunitária e alternativa, a ligação entre elas e o espaço ocupado por essas vertentes.

O quinto capítulo trabalha os conceitos de comunicação orgânica (Gramsci) e tem o objetivo de discutir o lugar de um veículo de mídia no universo da comunicação popular, bem como a atuação de intelectuais como produtores de conteúdo alternativo. Em tempo, apresenta a força da comunicação em rede, conceituada por Castells:

Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes de internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida (CASTELLS, 2013, p. 18).

No sexto capítulo apresentamos o *Terra sem Males*, objeto de estudo desta dissertação, por meio de uma análise de conteúdo e com o objetivo de mostrar as diferenças de um veículo de comunicação popular, seu papel e seu lugar na sociedade. Para isso, serão analisadas três reportagens especiais de temas amplamente divulgados por diversos meios de comunicação, mas com enfoques diferenciados e feitos pelos editores especialmente para o veículo em questão. São elas: “Atingidos pela Lama da Samarco (Vale/BHP-Billiton) não são só os desabrigados”; “24 horas num acampamento sem terra” e “Massacre de Beto Richa deixa mais de 200 feridos”. A análise será feita levando em consideração os textos e as fotos e o conteúdo transmitido por cada um deles.

Os dois últimos capítulos estão reservados à “conclusão da análise” e às “considerações finais”, ressaltando as tendências do papel da comunicação popular reveladas pelo estudo de caso e sua contribuição para o acesso à cidadania.

## 2 A COMUNICAÇÃO POPULAR NO BRASIL E AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO

São diversas as definições dadas ao termo comunicação popular, cada uma contendo uma mesma base de informações fixas e algumas variáveis. Peruzzo define comunicação popular como:

uma forma alternativa de comunicação [que] tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares. Essa ação tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação (2008, p. 368).

Embora cite os termos comunicação alternativa, participativa, horizontal, comunitária, dialógica e radical, Peruzzo (1998, p. 120) conclui que eles são constantemente utilizados como sinônimos, porque possuem “uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização, visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social”.

Alguns autores, no entanto, usam o termo comunicação comunitária como sinônimo de comunicação popular. Com esse viés, Paiva (1998, p. 49) define a comunicação comunitária como aquela “que efetivamente possa comprometer o indivíduo com o exercício de sua cidadania, que possa permitir-lhe uma atuação no seu real-histórico, podendo transformar, inclusive, sua existência e a das pessoas à sua volta”.

E é nesse contexto que, citando Ciro Marcondes Filho, Paiva (1998, p. 136) ressalta o fator político presente na comunicação comunitária, uma vez que a comunicação é um instrumento de poder: “para ele, a vinculação entre jornalismo e comunitário e conceito político faz-se no sentido de que ‘jornalismo comunitário é o meio de comunicação que interliga, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe”.

Segundo Gohn, no Brasil das décadas de 1960, 70 e início dos anos 80 a comunicação popular, em contraponto a uma comunicação de massa, foi amplamente discutida e defendida, visto que, durante a ditadura, qualquer expressão popular era combatida, e permaneceu no imaginário da população a ideia da comunicação e da cultura do povo como movimentos de enfrentamento:

A comunicação popular foi redefinida como sinônimo de resistência popular. E a cultura popular foi diferenciada da cultura das massas. A primeira seria produzida pelos seus participantes, criada e recriada continuamente. A segunda seria pré-fabricada para integrar os indivíduos, como meros consumidores passivos (GOHN, 2003, p. 182).

Entretanto, com base em Foucault (1992), podemos depreender que a institucionalização de qualquer forma de comunicação comunitária e/ou popular não deve ser vista através do prisma de uma conquista histórica ou de uma celebração popular, pois, na verdade, representa uma forma de normatização e controle do sujeito comunicativo.

Foucault ressalta que a mídia, seja ela de cunho tradicional ou popular, pode agir com uma “naturalização da verdade” e como parte de uma sociedade “normalizadora”. Por isso, segundo o autor, a mídia é um elemento importante quando se fala em poder, e o surgimento da comunicação popular pode atuar como um “poder pastoral”, invisível, caracterizado por pequenos poderes locais e comunitários, sendo que esse “poder pastoral” é, na maioria das vezes, individualizante, pois busca fazer o bem geral por meio de uma forma de controle individual.

Apesar de as obras de Foucault não serem dedicadas a analisar a mídia, há ligação entre as formas de poder e controle estudadas pelo autor e o controle exercido pelos meios de comunicação. Foucault, no livro *Microfísica do Poder*, que tem como objeto o século XVIII, ressalta que os reformadores desconheciam as condições reais de opinião e a mídia, “uma materialidade que obedece aos mecanismos da economia e do poder em forma de imprensa, edição, depois de cinema e televisão”. Eles desconheciam que era preciso “passar pelos media”,

e que estes media seriam necessariamente comandados por interesses econômico-políticos. Eles não perceberam os componentes materiais e econômicos da opinião. Eles acreditaram que a opinião era justa por natureza, que ela se difundiria por si mesma e que seria um tipo de vigilância democrática. No fundo, foi o jornalismo – invenção fundamental do século XIX – que manifestou o caráter utópico de toda esta política do olhar (FOUCAULT, 2005, p.125).

Ao olharmos por esse prisma, a comunicação popular, por ser uma alternativa comunitária de informação e divulgação e, em sua maioria, ter como base a produção de notícias e a disseminação da informação comandada pelos próprios agentes da comunidade, também se torna uma forma de poder e de controle em rede. No entanto, assim como defende Foucault (2007), as relações de poder podem ser, ao mesmo tempo, contraditórias e emancipadoras. Afinal, elas não podem deter os sujeitos que lutam pela liberdade

permanentemente, já que, para eles, a possibilidade de escapar está sempre aberta, e, como afirma Foucault (2007, p. 91), “lá onde há poder há resistência”. Dessa forma, a comunicação popular pode ser vista como uma forma de “fuga” dessa condição e um mecanismo que nasce para diminuir essas diferenças.

Podemos pensar nas mídias que funcionam por meio de veículos populares e comunitários como mecanismos de resistência aos aparatos de dominação da mídia tradicional e suas grandes corporações com ampla força política e econômica.

Somada ao crescimento da internet e das mídias sociais, a comunicação popular, aliada às tecnologias digitais, passou a ser um importante e influente meio de comunicação usado pelas classes sociais excluídas das pautas da mídia tradicional. Afinal, conforme ressalta Cattani e Holzmann (2011, p. 391), assim como qualquer coisa produzida pelo ser humano, a tecnologia deve ser desenvolvida para melhorar ou estimular as relações sociais e dentro de um contexto histórico que justifique a sua criação e implementação.

No caso das novas tecnologias, ao serem usadas pela comunicação popular como instrumento para diminuir distâncias e estimular a participação, ela também se torna, conforme Martino (2007, p. 158), elemento de libertação e elo entre os atores envolvidos.

No entanto, segundo Martino, quando se fala em tecnologia empregada em comunicação, faz-se necessário prestar atenção na forma de uso para que não se torne uma força contrária e influencie no que se está querendo transmitir. Afinal, as mudanças na edição geram mudanças no sentido, pois “lidando apenas com fatos reais, a montagem transforma-se em uma nova linguagem, um novo discurso criado a partir da seleção de fatos reais. Nesse sentido, todo texto produzido pela mídia é uma ficção (p. 158)”.

Segundo Álvaro Vieira Pinto (2005, p. 123), “todo projeto ajusta a máquina às condições da realidade; do contrário seria concebê-la com qualidades absurdas”. O autor ressalta que a máquina está sempre a serviço do ser humano, que a cria para ter condições mais convenientes de produzir algo de forma mais assertiva. E essa é uma das características principais da comunicação comunitária aliada à tecnologia digital: a capacidade de ampliar o acesso das pessoas à comunicação por meio da internet e de se tornarem não somente atores dos conteúdos, mas também produtores e disseminadores das informações geradas.

O uso da tecnologia para ampliar a participação popular é determinante no resultado do conteúdo a ser divulgado – aqui entendido como a linguagem, a forma, o conteúdo, e como ele é percebido pelo receptor, visto que até mesmo a seleção do que é divulgado interfere na construção da percepção da realidade pelo leitor.

Embora com enfoques e seleção de pautas diferentes, e proporção de disseminação muito maior, o mesmo acontece na imprensa tradicional, conforme Charaudeau:

O acontecimento em estado bruto sofre uma série de transformações-construções desde o seu surgimento. Quer seja – na melhor das hipóteses – percebido diretamente por jornalistas ou relatado por intermediários (testemunhas, agências de imprensa, documentos), já é o objeto de uma interpretação. Depois, ao entrar na máquina de informar, passa por uma série de filtros construtores de sentidos, e o relato resultante, assim como seu comentário, escapam à intencionalidade de seu autor (CHARAUDEAU, 2013, p.242).

Para Martino (2007, p.121), “se a construção da história – e, portanto, da realidade – não é notada pelo indivíduo, é necessário encontrar um meio de estudá-la. As notícias, conquanto não sejam retratos fiéis do senso comum, oferecem ao indivíduo os signos necessários à compreensão dos modos de ação do cotidiano”. Ao pensarmos que a linguagem é o condutor de todo esse processo, a análise não só do conteúdo, mas da linguagem e da forma selecionada para divulgar o tema, são imprescindíveis. Nesse ponto reside a importância da comunicação popular como alternativa para uma comunicação feita pela comunidade e para a comunidade. E essa forma de comunicação ganha agilidade, alcance, força e amplia a possibilidade de participação com o uso da internet como meio de divulgação.

Isso porque, conforme afirma Pinto (2005), a linguagem que circula na internet, uma vez que o meio assim exige, é, na maioria das vezes, mais acessível do que a utilizada pelos veículos de comunicação tradicionais. Essa característica, aliada ao poder de alcance e da interatividade, torna o meio digital ideal para os veículos de comunicação popular. Afinal, para Pinto (2005, p. 493), “evidentemente, a expansão da informação favorece a democratização da sociedade, pelo acesso de todos, em princípio, ao mesmo nível de conhecimento”.

Também para Grinspun,

O que vemos é que esta evolução vai formando uma cultura onde a tecnologia se torna imprescindível. A técnica é fria e objetiva; a cultura que se vale da técnica e da tecnologia é que levanta a questão do sentido da vida e da busca dos valores que deseja privilegiar (2009, p. 78).

O uso das tecnologias digitais pela comunicação comunitária busca esse sentido de colocar a tecnologia a serviço das pessoas, mas é preciso cuidar da linguagem.

Na filosofia da linguagem de Bakhtin, o único objeto real e material de que dispomos para entender o fenômeno da linguagem humana é o exercício da fala em sociedade. Bakhtin

ressalta que a linguagem, assim como o mundo, está sempre em movimento e em transformação e que a linguagem é sempre portadora de sentidos sociais:

Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema corresponde no texto tudo o que é repetido e reproduzido e tudo o que pode ser repetido e reproduzido, tudo o que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual ele foi criado) (BAKHTIN, 1997, p. 309).

Para Bakhtin (p. 121), a comunicação é um ato muito maior do que a troca entre emissor e receptor. A informação é acrescida da participação direta e indireta de seus interlocutores, que levam junto seus valores, suas convicções e sofrem influência das relações sociais e das hierarquias existentes. A interação constituída por dois ou mais indivíduos socialmente organizados é o que importa e que irá dar significado ao ato de comunicação em si. E, por meio dessa relação, interage com o outro e cria, por meio da língua, um ato de interação social. Ou seja, para Bakhtin,

Eis porque a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos (BAKHTIN, 1997, p. 294).

Na comunicação comunitária, essa interação, no sentido dado por Bakhtin, serve para que esta seja não somente mais um meio de comunicação, mas sim uma alternativa popular de informação e divulgação, que, em sua maioria, tem como base a produção de notícias e a disseminação da informação comandada pelos próprios agentes da comunidade para os agentes da comunidade. É uma maneira de se apropriar da linguagem e da tecnologia para transformar a vida das pessoas geralmente excluídas da comunicação tradicional.

Em parte, por essas características, somadas à popularização da internet e das mídias sociais, as tecnologias digitais passaram a ser um dos mais importantes e influentes meios usados pela comunicação popular para atingir seu objetivo de falar com pessoas de diferentes classes sociais.

Desde a criação da internet, quando os cientistas do Departamento de Defesa dos EUA criaram uma tecnologia que permitia a comunicação remota entre computadores, a ARPANET, inaugurada em 1969, a intenção principal não foi proporcionar a comunicação

entre computadores por meio de uma tecnologia que ajudasse a criar redes, mas isso acabou sendo uma de suas consequências.

O poder de alcance da internet e a facilidade de formar redes de pessoas ligadas a uma causa e/ou a interesses em comum passou a ser utilizado pelos movimentos sociais e comunidades a fim de fortalecer suas ações e aproximar pessoas em torno de seus projetos e suas lutas. Unida a esse poder de alcance, a interatividade proporcionada pelas novas tecnologias e redes sociais possibilitou que cada pessoa pudesse ser ator na disseminação das causas e agente de informação e divulgação das ações, projetos e valores defendidos pelas entidades e comunidades. Dessa forma, a comunicação comunitária ganhou mais produtores de notícias, que aumentaram o alcance das divulgações e, com isso, ampliaram suas redes.

No entanto, segundo Marcuschi (2010), é importante lembrarmos que, em nenhuma sociedade, e muito evidentemente no Brasil, o acesso digital é considerado universal, visto que isso depende tanto da conquista do letramento digital por todas as pessoas quanto do acesso à internet de forma mais ampla e democrática.

No país, um grande número de pessoas ainda se encontra à margem do fenômeno da sociedade da informação devido às desigualdades sociais. Além disso, “ninguém consegue ter acesso a tudo o que está na rede, pois as trocas no ciberespaço funcionam como quaisquer outras. Ou seja, estão vinculadas às condições de produção e circulação do discurso (conhecimento, acesso etc.)” (p. 169). Assim, do mesmo modo que a internet é um espaço perfeito para o uso da comunicação popular, contraditoriamente também é um espaço que controla o acesso das pessoas a essas informações.

Ainda segundo Marcuschi (p. 169), a interatividade da rede é intrínseca e, de certa forma, a internet é um espaço democrático, mesmo não sendo universal, o que “significaria falar de uma diversificação de vozes”. E são essas algumas das características que tornam a internet o meio ideal a ser explorado pela comunicação popular.

Para Peruzzo, a comunicação popular aparece justamente como uma alternativa de canal de expressão para colocar os assuntos da comunidade em destaque e provocar o debate entre os seus integrantes e as demais pessoas da sociedade:

Nessa perspectiva, a comunicação popular, que hoje chamamos de comunitária, surge e se desenvolve articulada aos movimentos sociais como canal de expressão e meio de mobilização e conscientização das populações residentes em bairros periféricos e submetidas a carências de toda espécie de escolas, postos de saúde, moradia digna, transporte, alimentação e outros bens de uso coletivo e pessoal, em razão dos baixos salários ou do desemprego (PERUZZO, 2003, p. 247)

Analisando por esse prisma, o uso das tecnologias digitais pela comunicação popular para aumentar o alcance de suas produções passa a ser uma consequência da evolução, visto que, segundo Benjamin (2012, p. 184), “fazer as coisas ficarem mais próximas é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutividade”.

Dessa forma, a comunicação popular serve como o espaço por meio do qual pode ser formada uma comunidade em rede, vista como conjunto de cidadãos participantes, comprometidos com o bem-estar social, usando o veículo de comunicação como meio para o acesso à cidadania, à interatividade como forma de ampliar horizontes e o debate, a horizontalidade do discurso e das ações como trampolim para pleitear seu lugar na sociedade.

Ribeiro utiliza a teoria de Benedict Anderson (“Comunidades imaginadas”, 1983) sobre a formação da cultura global a partir da imprensa, na era moderna, para discutir o papel do desenvolvimento da imprensa para a criação de uma “comunidade mundial imaginada”, que se consolida e se organiza por meio de uma comunidade de leitores. Atualmente, segundo Ribeiro, com a expansão da internet e a consolidação do uso das novas tecnologias, uma nova forma de organização se desenvolve: a “comunidade transnacional imaginada-virtual”.

Para Ribeiro,

uma comunidade imaginada é uma abstração simbólica e politicamente construída, enquanto que uma comunidade virtual, além disto, é uma realidade de outro tipo, uma espécie de estado intermediário, paralelo entre a realidade e a abstração, onde a simulação e os simulacros têm várias vidas próprias (RIBEIRO, 2000, p. 472).

Outro ponto importante apontado pelo autor é a mudança das identidades. Antes fortemente mediada pelo estado-nação, hoje elas são múltiplas e fragmentadas, o que facilita o surgimento de muitas comunidades e a ampliação do eu. O autor diz que as comunidades sempre existiram, mas que hoje, devido ao desenvolvimento tecnológico, estão cada vez mais fortes.

Segundo Ribeiro (2000), essa nova organização evidencia os diversos atores e identidades que constroem esse novo universo da comunicação. Essas redes, cada vez mais fortes com a expansão virtual, são fortalecidas pela atuação política das instituições e ativistas dos movimentos sociais, uma vez que estes que possuem mais agilidade e menos amarras do que as empresas de comunicação e políticos tradicionais. Segundo o autor, “assim, as ONGs e suas redes são, de fato, um novo sujeito político que cria novas formas de ação e impasses para mecanismos mais antigos de representação e ação política” (p. 480).

Nesse sentido, aliada às tecnologias digitais, a comunicação popular está a serviço da democracia e pode tornar-se instrumento de cidadania e de justiça social, criando redes, novos espaços de comunicação, de sociabilidade e de organização, e quem sabe também novos espaços de informação e de conhecimento.

As redes aumentam a capacidade do ativismo político e social, bem como ampliam a capilaridade das informações e facilitam as relações e a comunicação colaborativa, além da capacidade de indivíduos e grupos buscarem seus direitos e articularem toda a sociedade para garantir cidadania. No entanto, segundo Ribeiro (2000, p. 493), é preciso lembrar que política e ativismo se fazem além das redes digitais. É preciso romper a barreira da tecnologia e agir.

### 3 A COMUNICAÇÃO POPULAR NO BRASIL – ASPECTOS HISTÓRICOS

O golpe militar de 1964 no Brasil veio acompanhado de diversos impactos na sociedade, e um deles foi a censura à liberdade de expressão, com a retaliação à imprensa, principalmente aos veículos de esquerda.

Kucinski (2001) afirma que, logo após os militares tomarem o poder, pararam de circular diversos periódicos, tais como Novos Rumos, Semanário, A Classe Operária, Política Operária, de organizações comunistas; Ação Popular, da organização de mesmo nome; o Movimento, da União Nacional dos Estudantes (UNE), entre outros (p.18).

Segundo Kucinski,

A imprensa alternativa surgiu da articulação de três atores sociais: as esquerdas, com seu desejo de protagonizar transformações; jornalistas buscando alternativas ao fechamento de seus espaços na grande imprensa; e intelectuais, encurralados pelo ambiente repressivo que se instalou nas universidades. É na dupla oposição ao Estado militar e às limitações à produção intelectual-jornalística sob o autoritarismo que se encontra o nexos dessa articulação entre jornalistas, intelectuais e ativistas políticos (1998, p. 183).

Em contrapartida, esses três grupos de atores sociais começam a produzir diversos jornais e revistas de esquerda, contrários à arbitrariedade do regime militar, como meio de enfrentamento às atrocidades e forma de resistência à falta de liberdade de expressão.

Esses jornais eram, geralmente, produzidos por grupos de intelectuais e jornalistas em espaços clandestinos, distribuídos na surdina e lidos por parte da população que queria receber informações que não eram divulgadas pela imprensa tradicional, submetida à censura do regime.

O lançamento do satírico jornal Pif-Paf, liderado por Millôr Fernandes, em junho de 1964 marca o início de um ciclo desses periódicos que passou por diversas fases distintas e estendeu-se até 1966, sempre marcados pelo propósito de resistência e de união das forças contrárias ao regime (KUCINSKI, 2001, p. 18).

Após 1967, uma nova leva de jornais alternativos aparece, mas já sem tanta força de oposição, pois essa época foi marcada pelo enfrentamento da população ao regime, e a imprensa tradicional forçando uma retomada de espaço crítico, o que, de certa forma, diminuía o espaço a ser ocupado pelos veículos alternativos. No entanto, desse período, vale destacar periódicos como O Sol, Poder Jovem e Amanhã.

Segundo Kucinski, em 1969 acontece outra revolução na imprensa alternativa, quando os protagonistas dos jornais lançados anteriormente se juntaram em torno de projetos

de circulação nacional que são, até hoje, considerados marcos da imprensa popular alternativa e de enfrentamento ao poder dominante, entre ao quais O Pasquim e Opinião.

O autor ressalta que, já nessa época, era escasso o número de jornalistas e intelectuais dispostos a produzir comunicação popular alternativa e, por isso, não era incomum que os mesmos profissionais fizessem parte, ao longo dos anos, da maioria dos periódicos lançados.

Os protagonistas da imprensa alternativa dos anos de 1970 constituíam, assim, uma subcultura que se distinguia do grosso dos jornalistas e intelectuais pela sua disposição contestatória, pela sua propensão ao ativismo, pela sua intransigência intelectual e, em certa medida moral, pela afinidade com os motivos ideológicos que moviam os ativistas políticos (KUCINSKI, 1998, p. 20).

Como podemos perceber, veículos de comunicação popular e alternativa são, no Brasil, uma prática bastante antiga. Segundo consta na história, esse tipo de imprensa se fortalece sempre que há mudanças no regime ou quando impera o autoritarismo político ou dos meios de comunicação tradicionais.

Naquela época, quanto mais espaço e enfoque o veículo tinha, maior era o controle de espaço que recebia dos grandes meios de comunicação e dos poderes dominantes. Por mais que a censura fosse forte, por serem feitos de forma clandestina, quase artesanal e sem endereço fixo, não era fácil desmanchar o esquema, visto que até a distribuição era feita de forma alternativa, chegando às mãos da população via postal, venda de mão em mão, nas saídas de teatros, bares boêmios e outros locais.

Esses contratempos também não impediam os jornais de atingirem o objetivo de chegar a um grande número de pessoas. Um exemplo é o Pasquim, que começou com uma tiragem de 20 mil, mas já no início dos anos 1970 esse número chegou a 200 mil exemplares, confirmando que o público leitor rompeu a fronteira dos intelectuais e classe média, e alcançou também as classes populares, em especial os militantes e lideranças dos movimentos sociais e trabalhadores explorados pelos patrões e esquecidos pela mídia tradicional.

Importante assinalar que essa imprensa alternativa ao mesmo tempo em que incentivava e promovia a movimentação e organização social, ela própria era resultado dos avanços obtidos pelos movimentos sociais. Afinal, para Kucinski (2001), “os jornais alternativos se constituíram não somente em símbolos de resistência da sociedade civil ao autoritarismo, ou a expressão de um movimento ou uma articulação de resistência: eles eram a própria resistência” (p. 54).

Segundo Kucinski (2001), também foi nos anos 1970 que a imprensa alternativa desapareceu quase por completo, da mesma maneira como surgiu: aos poucos, os jornais alternativos usados como movimento social e de mídia foram perdendo força e desaparecendo um a um.

No entanto, desde aquela época, o movimento social de agentes de mídia sempre fez emergir novos representantes da mídia popular. Às vezes isoladamente, emergindo de grupos sociais, mas sempre movidos por convicções contrárias às utilizadas pela grande imprensa e falta de alternativa de se ver representados pelos grupos de mídia dominantes.

A importância desse movimento popular e de comunicação nas décadas de 1960 e 70 tem impacto significativo na imprensa popular alternativa dos dias de hoje, embora muita coisa tenha mudado. Kucinski afirma:

Hoje vivemos um momento paradoxal em que, por um lado, as novas tecnologias tornaram ainda mais fácil a produção e distribuição de veículos alternativos; por outro lado, as novas tecnologias rejeitam os padrões éticos e ideológicos dos anos 70. É tão profunda a revolução tecnológica que ela parece instituir novas formas de cognição e de produção de saber, nas quais a simulação e a manipulação substituem o instrumental analítico. A mídia alternativa, nesse novo ambiente tecnológico, está principalmente nas homepages da internet (2001, p. 197).

Para Peruzzo (1998), a comunicação popular sempre irá emergir em momentos e/ou situações em que os sujeitos ou movimentos sociais busquem romper com os espaços hegemônicos de comunicação.

Esses sujeitos – definidos por Kucinski como atores sociais, em sua maioria, são impulsionados a agir como forma de enfrentamento das condições marginais impostas pelo capitalismo e pela mídia dominante. Nessa perspectiva, Pedro Gilberto Gomes (1990, p. 47) enfatiza que “a comunicação popular é aquela que se insere num contexto alternativo que é o do enfrentamento com o projeto de dominação capitalista e nele se define como agente de definição do projeto”.

Tal aproximação remete-nos ao campo da comunicação popular como ação alternativa aos projetos de comunicação hegemônica e burguesa das grandes redes de comunicação. Dessa forma, a comunicação popular e alternativa também pode ser compreendida como processo a um só tempo comunicacional, político, engajado e participativo, que envolve indivíduos, grupos coletivos afinados – de um lado com visão anticorporativa do trabalho jornalístico e, de outro, com uma ação cultural em favor da

socialização da política e de uma democratização substantiva da vida social (MORAES, 2008, p. 45).

Para analisar a história, bem como a atualidade da comunicação popular e alternativa no Brasil, podemos recorrer à teoria da hegemonia de Gramsci (2004). O autor foi um dos primeiros a discorrer sobre a importância dos meios de comunicação para a formação das relações sociais, uma vez que eles contribuem para definir os contornos ideológicos hegemônico de boa parte da população.

Segundo o filósofo, ao se organizarem em grupos hegemônicos e cumprirem a função de propagação ideológica, os veículos de comunicação cristalizam as concepções e entendimentos coletivos e passam a cumprir a função de “[...] organizar e difundir determinados tipos de cultura” (GRAMSCI, 2004, p. 32). E é com o intuito de confrontar essa realidade hegemônica que surgem ações contra-hegemônicas, tais como a comunicação popular e a alternativa, cujo alicerce programático é o de denunciar e tentar reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista.

Nesta direção, a comunicação popular e alternativa como ação contra-hegemônica, seja ela em rede, global ou comunitária, “tende a inserir-se, gradativamente, no rol de iniciativas que visam construir uma cultura de solidariedade social baseada numa ética de reciprocidade entre os sujeitos comunicantes” (MORAES, 2008, p. 61).

No âmbito da história e no da atualidade da comunicação popular e alternativa, “o papel maior de uma movimentação contra-hegemônica é o de fazer pensar, o de propiciar novas formas de reflexão, com o objetivo precípua e final de libertar as consciências” (PAIVA, 2008, p. 166).

Atualmente representada por novos grupos produtores de conteúdo alternativo e de resistência à hegemonia da grande mídia, veículos como os já citados aqui – *Terra sem Males*, *Mídia Ninja*, *Jornalistas Livres*, *Viva Favela*, entre tantos, partem da mesma motivação que os seus antecessores, guardadas as devidas diferenças.

O formato utilizado por esses novos veículos de comunicação com cunho popular vai desde algo mais “caseiro”, em que, na maioria das vezes, seus (dois) editores também são repórteres e responsáveis por toda a produção do conteúdo – como é o caso do *Terra sem Males*; até veículos mais estruturados, com vários profissionais produzindo conteúdos e com uma produção que chega a competir em quantidade com alguns sites de notícias tradicionais, como acontece com do *Mídia Ninja*.

Ou seja, a atualização do conceito de comunicação popular vai ao encontro de definições da comunicação como prática social cotidiana, comum e cada vez mais interativa, elaborada por múltiplos e heterogêneos agentes e para todos os tipos de público.

O confronto dessa comunicação atual tradicional se dá em relação ao monopólio das grandes empresas de comunicação que centralizam na mão de uma minoria as informações que serão transmitidas para uma maioria, ou seja, uma ação mercantilista que silencia diversos setores da sociedade e torna a atividade jornalística uma indústria de (des)informar.

Essa prática de comunicação popular que liberta o cidadão da cultura hegemônica imposta pela indústria dos meios de comunicação cria uma rede informal e ganhou mais espaço com a Internet, pois ela encontra nos meios digitais uma alternativa simples, relativamente barata e que não exige experiência elevada para a produção e divulgação dos conteúdos. A Internet também facilita a ampliação da rede sem limites territoriais, possibilita a divulgação rápida dos acontecimentos, se destaca pela facilidade de manter as informações arquivadas por tempo indeterminado e também conta com facilidade da interatividade digital e construção coletiva de sentidos e conteúdos.

Além de exponenciar essa interação, ajudar a romper limites geográficos e ampliar a rede de produtores de conteúdo, a Internet possibilita o uso de diversas mídias.

No entanto, ainda há muitos desafios, pois, se a Internet proporciona todos os benefícios acima, também possui o paradoxo do seu uso ainda estar centralizado na mão de uma parcela da população. Segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, praticamente a metade dos brasileiros (48%) usa internet, e o percentual de pessoas que a utilizam todos os dias cresceu de 26% (PBM de 2014) para 37% (PBM de 2015). O hábito de uso da internet também é mais intenso do que o obtido anteriormente. Os usuários das mídias digitais ficam conectados, em média, 4h59 por dia durante a semana e 4h24 nos finais de semana – na PBM 2014, os números eram 3h39 e 3h43 –, valores superiores aos obtidos pela televisão.

Mais do que as diferenças regionais, são a escolaridade e a idade dos entrevistados os fatores que impulsionam a frequência e a intensidade do uso da internet no Brasil. Entre os usuários com ensino superior, 72% acessam a internet todos os dias, com uma intensidade média diária de 5h41, de 2ª a 6ª-feira. Entre as pessoas com até a 4ª série, os números caem para 5% e 3h22. 65% dos jovens na faixa de 16 a 25 se conectam todos os dias, em média 5h51 durante a semana, contra 4% e 2h53 dos usuários com 65 anos ou mais.

Segundo os dados, podemos perceber a concentração do acesso à internet ainda restrita a certos grupos. A busca de espaço entre as novas tecnologias de comunicação, no

entanto, é apenas a primeira etapa pela luta democrática e de garantia da cidadania e de direitos para todos.

#### **4 DIVERSAS NOMENCLATURAS – COMUNICAÇÃO POPULAR, INDEPENDENTE, COMUNITÁRIA**

As diversas nomenclaturas dadas ao estilo de comunicação que se diferencia do usado pela mídia tradicional podem ter suas semelhanças e suas particularidades, mas todos denotam uma comunicação que tem o “povo” (as iniciativas coletivas ou os movimentos e organizações populares) como protagonista e como destinatário.

Segundo Peruzzo (2007, p. 247), a comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil teve seu auge na década de 1980, com a dinâmica dos movimentos sociais mais emergentes. Ou seja, essas manifestações de comunicação diferenciadas e com poucas similaridades com a até então grande imprensa nascem das bases sociais, das classes subalternas e passam a representar uma outra forma de comunicação.

Na América Latina a aparição de formas de comunicação alternativa são datadas do final da década de 1960, sendo a consolidação das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)<sup>2</sup>, que têm sua atuação marcada pelo uso da metodologia Ver, Julgar e Agir, como uma das vertentes que influenciaram esse processo.

Essa metodologia consiste em reunir a comunidade para discutir e buscar soluções em grupo para problemas da própria comunidade e de seus membros. Em sua essência, o método sugere que os cidadãos reúnam-se, exponham para o grupo o problema em questão (ver), reflitam em grupo (julgar), geralmente com base em alguma leitura do evangelho, qual a atitude mais sensata dentro das premissas cristãs e, como uma comunidade, decidam quais as melhores atitudes a serem tomadas (agir).

Esse movimento estimulou nas comunidades uma leitura de realidade e uma atuação crítica quanto à tomada de consciência e a busca por transformação social.

Segundo Peruzzo (2007), esse movimento criou um novo olhar para uma comunicação feita por e não para ou sobre uma comunidade ou grupo de pessoas. Desde então, diversos conceitos foram elaborados e surgiram modalidades denominadas como

---

<sup>2</sup> A palavra CEB significa Comunidade Eclesial de Base. E quando colocamos no plural - CEBs significa Comunidades Eclesiais de Base. São grupos de cristãos leigos, geralmente pobres, que se reúnem regularmente, nas casas de famílias ou em centros comunitários, a fim de ouvir e aprofundar a Palavra de Deus, alimentar a comunhão fraterna e assumir o compromisso cristão no mundo. Disponível em: <[http://comunidade-cebs.blogspot.com.br/p/blog-page\\_9263.html](http://comunidade-cebs.blogspot.com.br/p/blog-page_9263.html)>. Acesso em: 13 mar. 2017.

comunicação comunitária, comunicação popular, comunicação alternativa, jornalismo independente, entre outros. Alguns desses conceitos se complementam, outros se contrapõem.

Para Peruzzo (2007), é necessário levar em consideração também que o conceito de comunicação popular é amplo e variado, e pode compreender diversos processos, no entanto sua imensa maioria se articula em torno de processos ligados a movimentos sociais e atores locais que buscam alternativas para romper com a hegemonia apresentada pelos grupos que controlam a comunicação tradicional.

Esses sujeitos, atores ou personagens da comunicação popular, também têm características bem similares. Ou são pessoas que vivem à margem da sociedade e também da comunicação capitalista e/ou são intelectuais que não se sentem representados por ela. Nessa perspectiva, Gomes (1990, p. 47) enfatiza que “a comunicação popular é aquela que se insere num contexto alternativo que é o do enfrentamento com o projeto de dominação capitalista e nele se define como agente de definição do projeto”.

A teoria da hegemonia de Gramsci (2004) ajuda a analisar e delimitar melhor o conceito de comunicação hegemônica. Segundo o autor, os meios de comunicação exercem uma grande influência na formação das relações sociais, pois orientam e definem os contornos ideológicos da ordem hegemônica, de uma construção coletiva.

Ou seja, ao analisarmos dessa forma, podemos perceber que os grupos de comunicação organizados em grupos hegemônicos são responsáveis por definir a ordem ideológica de grandes grupos de pessoas, pois elaboram, divulgam e unificam concepções de mundo e cumprem a função de “organizar e difundir determinados tipos de cultura” (GRAMSCI, 2004, p. 32).

A comunicação popular desponta como uma organização coletiva de enfrentamento a essa hegemonia e ações contra-hegemônicas, seja ela em rede, global ou comunitária, seguindo sempre pelos pilares primordiais que, além do enfrentamento da hegemonia dos grandes grupos de comunicação, busca garantir espaço para a voz dos excluídos, a luta pela cidadania e o acesso aos direitos primordiais.

Neste sentido, diversas ações de comunicação popular e/ou alternativa surgiram na história da comunicação brasileira, como uma ação coletiva humana de enfrentamento aos meios dominantes.

No Brasil, na época da ditadura, nas décadas de 1960 e 1970, essa ação de comunicação de repulsa ao regime militar aparecia em cartazes nos postes, panfletos e veículos de comunicação alternativos e clandestinos preparados por intelectuais contrários às

forças arbitrárias do regime e também dos meios de comunicação dominantes. A intenção, desde sempre, é a mesma: subverter a hegemonia, apresentar uma forma de enfrentamento e de comunicação alternativa.

Nos períodos de maior repressão à comunicação surgiram diversos jornais que, até hoje, são marcos da modalidade popular. Periódicos como Opinião, Movimento, O Pasquim, e outros eram escritos, editados e bancados por profissionais e intelectuais e funcionavam, cada um, como um pequeno movimento popular de repúdio ao regime dominante.

Por isso, ao falarmos de Comunicação Popular e Movimentos Sociais, essa época é um marco do início efetivo dessas organizações e da delimitação dos papéis orgânicos dos intelectuais, jornalistas e ativistas que lutam para dar voz aos excluídos pelos poderes dominantes da sociedade (KUCINSKI, 1990).

Embora diferencie os termos comunicação alternativa, participativa, horizontal, comunitária, dialógica e radical, Peruzzo (2003) afirma que eles são comumente utilizados como sinônimos, por estarem “articulados aos movimentos sociais como canal de expressão e meio de mobilização e conscientização das populações residentes em bairros periféricos e submetidas a carências de toda espécie” (p. 247).

Já para Gomes (1990), as formas de comunicação chamadas de popular e de alternativa, conforme o contexto de suas práticas, podem apresentar características semelhantes, contudo, conceitualmente, não podem ser encaradas como sinônimos. Segundo Gomes (p. 47), “o conceito alternativo parece apontar para uma contraposição à comunicação massiva, enquanto que o conceito popular diz respeito à inserção num contexto alternativo de luta que visa estabelecer uma nova sociedade a partir da ótica das classes populares”.

Em síntese, a comunicação popular - além de ser uma contraposição à comunicação tradicional, é também expressão das lutas populares por melhores condições de vida, a partir dos movimentos populares, e representam um espaço para participação democrática do “povo”. Para que se enquadre nessas modalidades, além dessas características, é preciso trabalhar com conteúdos críticos e ter o povo como protagonista, seja como produtor de conteúdo, seja como público-alvo e/ou personagem. De qualquer maneira, deve ser sempre um instrumento político das classes pobres para externar sua concepção de mundo, suas necessidades, suas buscas por direitos e por uma vida com mais cidadania.

Ao tratar do que chama de “corrente comunicação popular, alternativa e comunitária”, Peruzzo reflete que a ação comunicativa deve estar ancorada em projetos mais amplos de transformação da sociedade:

a finalidade, em última instância, é favorecer a autoemancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas, de modo a reduzir a pobreza, a discriminação, a violência etc., bem como avançar na equidade social e no respeito à diversidade cultural. Contudo, a comunicação não se presta a fazer a mudança sozinha. A visão de uso dos meios meramente para difundir conteúdos educativos está superada. Trata-se de sua inserção em processos de mobilização e de vínculo local ou identitário sintonizados a programas mais amplos de organização-ação, dos movimentos sociais populares (PERUZZO, 2003, p. 134 e 135).

Para Peruzzo (2003, p. 247), a comunicação popular surgiu ligada a movimentos populares como uma alternativa de canal de expressão. Segundo ela, essa modalidade de comunicação é resultado da mobilização e da conscientização das populações mais pobres e residentes de bairros periféricos, carentes de todo tipo de direitos.

Por outro lado, a comunicação comunitária é encontrada como sinônimo de comunicação popular em alguns autores. Paiva (2003) a define como aquela que efetivamente possa comprometer o indivíduo com o exercício de sua cidadania e que possa permitir uma atuação social junto à comunidade com a intenção de transformar, inclusive, sua existência e a das pessoas a sua volta.

O mesmo caráter de contestação pode ser observado como uma das principais características da comunicação alternativa, intensificada no contexto ditatorial, de censura e repressão, do regime militar no Brasil. Na opinião de Kucinski (2003, p. 16), a imprensa alternativa surge de duas motivações: da mobilização das esquerdas em propor transformações sociais, bem como de jornalistas e intelectuais que desejavam contestar o governo, em espaços alternativos à grande mídia. Mas, como explica o autor (2003, p. 25), a ditadura não foi a única razão de ser da imprensa alternativa. Ela também nasce como reivindicação de segmentos das classes empobrecidas e esquecidas e é resultado da necessidade de expressão desses movimentos. Peruzzo ressalta que a consolidação foi complicada e à base de contravenções, visto que:

houve um tempo em que produzir e difundir boletins, panfletos, jornais etc., significava grande risco de prisão e condenação política. Assim, no contexto do regime militar, produzia-se comunicação alternativa clandestinamente, pois havia controle estatal e censura (PERUZZO, 2003, p. 132).

Atualmente, os conceitos continuam válidos no atual contexto sociopolítico, mas incorporam algumas diferenciações. Peruzzo (2008, p. 375) identificou do ponto de vista teórico e das práticas sociais recentes, que a comunicação popular recorre a princípios da comunicação comunitária e da alternativa, podendo haver certa distinção entre uma experiência e outra, segundo as características de cada situação.

Considera-se, portanto, que tanto a comunicação popular quanto a alternativa e a comunitária, neste início de século, baseia-se em princípios democráticos, em intermediar a voz das pessoas que não são contempladas pela mídia convencional e comercial – que tem suas motivações instituídas no lucro, promoção de interesses particulares e promoções políticas – e é fomentada pelo desenvolvimento das comunidades e pela busca por cidadania.

Nesse formato – seja na modalidade popular, comunitária e/ou alternativa a intenção é sempre a de romper com o sistema clássico de comunicação (emissor → receptor) e transmitir a das pessoas que estão à margem de vários direitos, incluindo o de acesso à comunicação. Em casos mais avançados, pode ser gerida pelos próprios cidadãos ou ser fomentada por pessoas que buscam criar um espaço de fomentação de debates e de divulgação de temas que não são discutidos na grande imprensa, mas que causam impacto nas comunidades.

Sob esse prisma, é premente avaliar a importância e o impacto na vida cotidiana que possui o que é noticiado pela imprensa. Levando em conta que a imprensa tradicional não se interessa pelos assuntos da comunidade, a comunicação popular assume o papel de ser esse espaço de transformação da realidade. E, segundo Gohn e Bringel, é a soma de diversos atores e entidades que promove essa transformação:

A geração de direitos através da ação dos movimentos sociais normalmente não é direta, mas a partir de caminhos árduos de construção de uma história de conquista de novos direitos humanos e de cidadania. Essa história se constrói por meio da contribuição de múltiplos atores, dentre os quais poderemos encontrar redes de sujeitos e organizações e movimentos sociais, bem como de múltiplos mediadores, oriundos de Ongs, intelectuais acadêmicos, representantes políticos, artistas e cidadãos simpatizantes com causas sociais geradoras de novos direitos humanos e de construção de uma cidadania mais plena (GOHN; BRINGEL, 2014, p. 124 e 125).

Essas características não são absolutas e recorrentes em todas as formas de comunicação populares. Conforme o caso, há predomínio de algumas em detrimento de outras, mesmo porque é necessário criar formas de se fazer comunicação mais adequadas a cada uma das realidades.

A comunicação popular define-se, por fim, pelo processo e não pela produção e ou a recepção do conteúdo. É o processo de fazer comunicação que proporciona a relação entre a população, o meio de comunicação e o produtor do conteúdo, que atuam em um espaço de encontro de interesses comuns, que é a principal característica de qualquer veículo de comunicação popular.

## 5 COMUNICAÇÃO ORGÂNICA

Os instrumentos de comunicação popular, assim como os movimentos sociais, geralmente são formados para beneficiar uma parcela da população que vive à margem da sociedade e sem acesso a princípios básicos de cidadania. E, na maioria das vezes, para atingir tal objetivo é preciso diferenciar a linguagem, os enfoques e as pautas em detrimento do que é selecionado pela imprensa comum. É preciso ser o instrumento.

No *Terra sem Males*, os profissionais que produzem e selecionam o conteúdo são ligados a movimentos sociais e entidades de classe que atendem diretamente o público-alvo das publicações. Dessa forma, aproxima-se mais o conteúdo do leitor e aumenta-se a participação e a representatividade da população no resultado final.

Segundo Ferreira e Vizer, “as mentes e vidas humanas são configuradas pela experiência, ou melhor, por representações dessa experiência. Se a sociedade for examinada como forma de comunicação, encontra-se o processo pelo qual uma realidade é criada, modificada, partilhada e preservada” (2007, p. 60).

Essa comunicação em que os sujeitos passam a ser, além de personagens, produtores das notícias, muitas vezes em tempo real, é considerada um dos marcos da modernidade. Para Ferreira e Vizer, essa mudança ocorre a partir de uma postura mais reflexiva:

parece que, com a modernidade, o homem se torna crescentemente reflexivo na sua relação com o mundo. A mediação cultural ou, pelo menos, a consciência da sua importância ocupa, assim, um espaço cada vez mais decisivo, de tal forma que a crise surge cada vez que uma mundividência mais ou menos totalizante – uma malha cultural apertada – se confronta com o seu fracasso ou perecimento (FERREIRA; VIZER, 2007, p. 61).

Neste contexto, a comunicação popular surge como mediadora e uma opção de acesso à informação e cultura para uma parcela da população que não se vê contemplada na mídia tradicional.

Segundo Peruzzo e Almeida, a imprensa mudou na mesma velocidade em que o mundo mudou, e o público perdeu qualquer importância política e foi relegado a segundo plano.

Mudam o mundo e suas instituições. Muda também o jornalismo, que deixa o modelo de imprensa de opinião para assumir mais decididamente o modelo de imprensa empresarial, não mais entendida como um conjunto de serviços sociais destinados a suprir a arena da opinião civil, mas como um sistema industrial de serviços voltados para prover o mercado de informações segundo o interesse das audiências (PERUZZO; ALMEIRA, 2003, p. 37).

Para Gomes, “informar é um ato de uma via só” (2001, p.78). Ou seja, ao apenas informar, os meios de comunicação estão fazendo uma veiculação unilateral do saber, entre um transmissor (o jornalista por meio do veículo) e a massa de pessoas que irão recebê-lo. É quase um contrato de compra e venda. Atualmente a imprensa tradicional não cumpre o papel de usar a informação para transformar uma realidade. Para Peruzzo e Almeida:

Nesse sentido, o caráter manipulador dos meios de massa, que vetam determinados temas e expõem apenas o que lhes interessa e da forma que interessa, só pode ser combatido se o campo comunicacional romper, através da cidadania, os laços que amarram as mídias de massa à tutela política. Ou seja, se nas disputas dos campos de poder for garantida a presença institucional da cidadania, deslocando o combate das ideias e ideologias para o campo das linguagens, onde confluem todos os campos sociais (PERUZZO; ALMEIDA, 2003, p.22).

Essa é uma herança da sociedade individualista e solitária em que o ser humano moderno vive e na qual não é nada comum ouvir notícias boas envolvendo as comunidades e suas demandas. Nas comunidades é possível encontrar histórias tão boas quanto as contadas nos romances.

Relatar narrativas do cotidiano das comunidades e tudo aquilo que possa ter um impacto na vida das pessoas, embora, na maioria das vezes, não tenha apelo para se tornar tema de cobertura jornalística pelas mídias tradicionais, torna-se uma oportunidade para que a comunicação popular possa divulgar versões silenciadas e esquecidas de grupos sociais sem visibilidade.

Afinal, se a linguagem ajuda a construir a realidade, o papel da imprensa, seja ela tradicional ou popular, deveria ser o de levar aos seus leitores o maior volume de informação e enfoques possível - inclusive de opiniões contrárias, fatos históricos, impacto social imediato e a longo prazo, e proporcionar a possibilidade de haver elementos necessários para movimentar a realidade e de se tomar partido em qualquer questão.

Foi para cobrir essa lacuna que surgiu e se consolidou a comunicação popular e um espaço na mídia destinado a retratar o cotidiano. Histórias e saberes de gente comum têm sido a busca de alguns jornalistas atuantes na comunicação popular.

No jornalismo tradicional, a fórmula do texto jornalístico habitual é descrever uma situação, um fato, assunto etc., da maneira mais objetiva possível. Ou seja, trata-se de colocar as informações mais importantes já no primeiro parágrafo, respondendo as seis perguntas clássicas – quem?, o quê?, quando?, onde?, como? e às vezes, por quê? - de maneira clara, direta e sucinta, a chamada “pirâmide invertida”. Essa técnica por si só não é algo ruim, mas quando apurada de maneira rasa pode induzir à “pasteurização” dos textos jornalísticos atuais

que, de tão sucintos e vazios de informações relevantes para o dia a dia da maioria das pessoas, tornaram-se pouco informativos e menos ainda atrativos ao leitor, principalmente para os que vivem à margem da sociedade. Para Marcondes Filho,

Na imprensa convencional liberal, a ordem dos temas obedece à lógica do mercado; divulga-se o que pode ser rapidamente consumido. A escala de importância obedece a fatores, filtrados ideologicamente, que se relacionam com a escala de importância oficial na sociedade burguesa em geral. São os valores institucionalizados, ligados ao capital, ao status, às personalidades, em uma palavra à lógica do consumo. Romper com isso significa propor uma nova atribuição de importância (MARCONDES FILHO, 1989, p. 145).

Já na comunicação popular, o objetivo central não é ater-se à narrativa de acontecimentos temporais, mas também buscar diferentes formas de narrar os acontecimentos cotidianos, transformando-os em notícias. É a tentativa de resgatar a arte de contar boas histórias, usar a comunicação para formar redes de conhecimento, divulgar as informações relevantes para a comunidade, dar voz aos que são esquecidos pela imprensa tradicional. Quando aproximamos essa questão da participação como elemento constitutivo da comunidade aos processos de produção de uma comunicação comunitária, Paiva oferece uma síntese:

A participação efetiva da comunidade na elaboração das produções é exatamente o que vai distinguir um veículo comunitário. É uma conquista a ser alcançada o envolvimento de todo o grupo social, mesmo que existam na comunidade pessoas exclusivamente responsáveis pela montagem do veículo (PAIVA, 1998, p. 159).

Ao analisarmos o portal de notícias online *Terra sem Males*, percebemos que a opção pela comunicação popular define da linguagem à escolha das pautas, e que o site privilegia assuntos relacionados à população mais carente e aos trabalhadores, muitas vezes não ligados aos assuntos discutidos no momento ou a acontecimentos factuais. O que orienta a escolha de cada assunto abordado é a relevância para a população.

Além dos assuntos e enfoques diferentes dos utilizados pela imprensa tradicional, o *Terra sem Males* chama atenção pela linguagem. Além de textos curtos e linguagem simples, as palavras utilizadas são de uso cotidiano, dispensando explicações e diminuindo a possibilidade de não entendimento ou interpretação equivocada.

Para Ferreira e Vizer (2007), a linguagem é o fio condutor e o que define a identidade, pois “a linguagem permite a geração, sempre mutante, das identidades sociais, como um estilo de recorrências transitórias dentro de uma rede de conversações. É essa perspectiva da linguagem que se articula com nossa concepção de comunicação (p. 108)”.

Segundo os editores Joka Madruga e Paula Padilha (2016), o *Terra sem Males* tem como base editorial principal realizar coberturas das lutas sociais, entrevistas e produzir e divulgar notícias sobre política, economia, direitos humanos e cultura, sob uma visão popular das cidades, do Brasil e do mundo.

Segundo Fiorin (2012, p.86), “se é pela linguagem que se veem os fatos humanos, se definem esses fatos, eles podem ser modificados por meio dela”. Nessa premissa, a comunicação popular, igual à praticada pelo *Terra sem Males*, pode ajudar a levar informação de qualidade para uma parcela da população esquecida pela imprensa tradicional e, por meio dessa ação, colaborar para desenvolver o senso crítico e aumentar o acesso à cidadania.

Aos cidadãos é dada a oportunidade, via web, de ler as notícias, serem personagens, sujeitos, colaboradores, interagir com os autores e gerarem e até mesmo produzirem conteúdo. Essa é uma das características principais da comunicação comunitária aliada à tecnologia digital: a capacidade de qualquer pessoa ser não somente ator dos conteúdos, mas também produtor e disseminador das informações geradas.

Essa característica é determinante no resultado do conteúdo a ser divulgado- esse entendido como a linguagem, a forma, o conteúdo, e como ele é percebido pelo receptor, visto que a simples seleção do que é divulgado interfere na construção da percepção popular e da realidade.

Diferente disso, na imprensa tradicional, conforme afirma Charaudeau,

o acontecimento em estado bruto sofre uma série de transformações-construções desde o seu surgimento. Quer seja – na melhor das hipóteses – percebido diretamente por jornalistas ou relatado por intermediários (testemunhas, agências de imprensa, documentos), já é o objeto de uma interpretação. Depois, ao entrar na máquina de informar, passa por uma série de filtros construtores de sentidos, e o relato resultante, assim como seu comentário, escapam à intencionalidade de seu autor (CHARAUDEAU, 2013, p. 242).

No site *Terra sem Males*, assim como em outros veículos da comunicação popular, a relação do leitor é, muitas vezes, ativa, visto que ele vive a história que ali está contada e muitas vezes é quem relata.

A comunicação popular, por ser uma alternativa de informação e divulgação, tem como base a produção de notícias e a disseminação da informação comandada pelos próprios agentes da comunidade. Em parte por essas características somadas ao fato da popularização da internet e das mídias sociais, as novas tecnologias passaram a ser um dos mais importantes e influentes meios usados pela comunicação popular para atingir seu objetivo de falar ao povo.

O poder de alcance da internet e a facilidade de formar redes de pessoas ligadas a uma causa e/ou a interesses em comum passou a ser utilizado pelos movimentos sociais e comunidades a fim de fortalecer suas ações e aproximar pessoas em torno de seus projetos e suas lutas.

Unida a esse poder de alcance, a interatividade proporcionada pelas tecnologias e redes sociais possibilitou que cada pessoa pudesse ser ator na disseminação das causas e agente de informação e divulgação das ações, projetos e valores defendidos pelas entidades e comunidades. Dessa forma, a comunicação popular ganhou mais produtores de notícias, que aumentaram o alcance das divulgações e, com isso, aumentaram cada vez mais suas redes. Para Castells,

A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte de produção social de significado é o processo de comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão de constante mudança (CASTELLS, 2013, p. 15).

A interatividade da rede é intrínseca e, de certa forma, democrática, por isso, esta é uma das principais características que tornam a internet o meio ideal a ser explorado pela comunicação popular. Por isso, para Castells (2013), esse modelo de comunicação em que os sujeitos criam redes multimídias de interação, diversidade e construção de conteúdo são uma espécie de “contrapoder” em detrimento do “poder” da mídia tradicional (p. 14). Ou seja, “os atores da mudança social são capazes de exercer influência decisiva utilizando mecanismos de construção do poder que correspondem às formas e aos processos do poder na sociedade em rede (p. 18)”.

Em tempos em que a distância entre a imprensa tradicional e os moradores das comunidades parece ficar cada vez maior, a comunicação popular aparece como uma alternativa para colocar os assuntos da comunidade em destaque e provocar o debate entre os seus integrantes e as demais pessoas da sociedade. Muitas vezes esse é o ponto de partida para colocar a comunidade e os seus moradores na pauta da sociedade.

Como pode ser visto ao analisarmos o *Terra sem Males*, dessa forma, a comunicação popular é o espaço por meio do qual pode ser formada uma comunidade em rede, vista como conjunto de cidadãos participantes, comprometidos com o bem-estar social, usando o veículo de comunicação como meio para o acesso à cidadania, à interatividade como forma de

ampliar horizontes e o debate, a horizontalidade do discurso e das ações como trampolim para pleitear seu lugar na sociedade.

Nesse sentido, a comunicação popular, intermediada por “intelectuais orgânicos” ou não, está a serviço da democracia e torna-se instrumento de justiça social.

## 6 TERRA SEM MALES

Segundo Canclíni (2013), “nem as instituições nem a mídia costumam averiguar quais os padrões de recepção e compreensão a partir dos quais seus públicos se relacionam com os bens culturais; menos ainda, que efeitos geram em sua conduta cotidiana e em sua cultura política (p. 140)”.

Para Canclíni, é preciso problematizar os princípios que organizam e consagram a legitimidade de um tipo de bem simbólico e de um modo de se apropriar deles. Quando se trata de comunicação, todo o discurso é uma forma de transformar ideias em realidade. Verbalizando as ideias, elas se tornam, de alguma forma, uma verdade. O discurso não é somente transmitido por palavras. Também uma ideia está presente nos cenários, na forma de apresentação de uma imagem, na entonação, ou seja, no contexto como um todo. Por isso, é preciso dar aos cidadãos a oportunidade de se apropriar da comunicação e fazer uso dela para encontrar seu papel na sociedade.

Nesse contexto, o uso do ciberespaço pela comunicação popular para transmitir a voz dos excluídos torna-se o que Neves (2014) chama de “lugar de voz das camadas periféricas e marginalizadas” (p. 63).

Segundo Neves (2014), Foucault, após analisar a história do discurso, afirmou que a “verdade pertencia a quem era autorizado dizê-la” (p. 63). Ou seja, entende-se que não é todo mundo que poderia dizer qualquer coisa. Isso estava reservado apenas às pessoas autorizadas. No entanto, segundo o autor, o ciberespaço coloca em xeque toda essa questão de autoridade, uma vez que se tornou espaço livre em que qualquer pessoa pode se manifestar sobre toda e qualquer coisa.

No site *Terra sem Males* todo o conteúdo é produzido por dois editores, jornalistas e repórteres, Paula Zarth Padilha, responsável pelos textos, e Joka Madruga, repórter fotográfico - e criador do veículo, mas com o objetivo de “dar voz (sic) e visibilidade às populações e povos que são deixados de lado pelos donos da mídia convencional e atuar na defesa dos direitos humanos e dos trabalhadores” (TERRA SEM MALES, 2016). Ou seja, o objeto aqui analisado não publica textos das pessoas marginalizadas, mas sim torna-se ferramenta para, por meio de reportagens elaboradas por seus editores, transmitir a voz dessa população, bem como possibilitar a visibilidade de suas mazelas e ajudar a divulgar suas dificuldades e particularidades.

Pode-se notar que no ciberespaço, por exemplo, o blog, como espaço de informação, se comparado ao jornal, embora voltado para o teor mais opinativo da informação

que informativo, supre as necessidades que no jornal são escassas, como o sentido humorístico, gosto pela polêmica e o lugar para as ideias marginais e a ação participativa (NEVES, 2014, p. 64).

Nesse sentido, Berman ressalta que a modernidade criou oportunidades para que os homens e mulheres de todo o mundo possam compartilhar experiências de tempo e espaço, o que possibilita uma maior circulação de discursos e vozes na sociedade, em parte devido às transformações sociais, em parte, graças às transformações tecnológicas.

Segundo Berman (2007, p. 49), se olharmos o mundo atual, “veremos a imensa comunidade de pessoas em todo o mundo que têm enfrentado dilemas semelhantes aos nossos”. *O Terra sem Males*, como outras publicações contidas no ciberespaço surge para transmitir a voz dos marginalizados e ocupa um espaço de debate que, muito provavelmente, não seria alcançado por essas de outra forma.

Lutamos pela democratização da comunicação, para que seja efetivamente uma concessão pública de fato. E incentivamos a criação de novos espaços de comunicadores e comunicadoras populares. Apostamos na produção de reportagens, sob o ponto de vista dos trabalhadores, com a valorização das imagens como fonte de informação. Nosso objetivo é ampliar o acesso à comunicação popular. Contamos com uma estrutura que tem: site de notícias, redes sociais e um jornal impresso, que é temático e com distribuição gratuita (TERRA SEM MALES, 2016).

Assim como muitos outros, o *Terra sem Males* é um veículo que só existe porque os seus fundadores e editores doam seu tempo, seu talento e até o seu dinheiro para manter a publicação. Além deles, todos os demais jornalistas e colunistas fazem o trabalho voluntariamente. Segundo Padilha, há a intenção de, um dia, remunerá-los. No entanto, atualmente, isso é impossível, visto que o site, bem como jornal, são mantidos com recursos próprios, utilizando verbas de trabalhos free-lancers e aproveitando viagens profissionais remuneradas e até mesmo de férias para fazer trabalho de campo. Segundo Padilha (2016), “por enquanto somos um coletivo de jornalistas parceiros”.

Atualmente o *Terra sem Males* funciona sem uma estrutura física definida e conta com a participação de sete profissionais de comunicação que produzem conteúdos para o site e também para o jornal impresso: Joka Madruga, repórter fotográfico, editor e fundador do TSM, assina a coluna Olhar Sem Males; Paula Zarth Padilha, jornalista e editora assina a coluna de crônicas Pensamentos Imperfeitos; e os colaboradores, Manoel Ramires, jornalista, assina as colunas Pinga-Fogo (política) e Avanti Palestrinos (Palmeiras), é repórter do site e também atualiza a fanpage no facebook; Pedro Carrano, jornalista, assina a coluna de contos e crônicas Mate, Café e Letras; Regis Luís Cardoso, jornalista, assina a coluna LP Crônicas

Musicais; Roger Pereira, jornalista, assina a coluna GV Inferior, sobre o Atlético Paranaense e Marcio Mittelbach, jornalista, assina a coluna Guerreiro Valente, sobre o Paraná Clube.

Essa associação de pessoas em torno da causa objetiva visa dar visibilidade à luta dos trabalhadores e para quem, segundo o TSM, a imprensa tradicional não dá. Essa construção coletiva de conteúdos, ancorada nos princípios da comunicação popular, é como base para a produção dos conteúdos divulgados pela TSM .

Afinal, para Neves (2014), a força e a veracidade da informação no ciberespaço estão mais ligadas à quantidade de pessoas que afirmam/confirmam do que de quem fala. “O especialista nesse caso é deslocado, sai do centro e permite que outros sujeitos apareçam, deixando o lugar de meros espectadores da informação. Assim, a voz do subalterno no ciberespaço entra em evidência (p. 65)”.

O *Terra sem Males* é um projeto que pratica o jornalismo independente e que tem como objetivo ser uma alternativa de comunicação popular acessível aos trabalhadores e trabalhadoras. Segundo os editores, a intenção sempre foi transmitir a voz dos excluídos, e como essa bandeira não encontrou espaço na imprensa tradicional, a alternativa foi usar o ciberespaço e criar o site para produzir conteúdo próprio.

*O Terra sem Males* é a nossa “menina dos olhos” nesse projeto tão amplo, e ao mesmo tempo simples, que abrange o jornalismo independente transformado em comunicação popular. Independente porque não temos viabilização financeira. Tudo o que fazemos é voluntário, por iniciativa própria ou com o apoio de entidades e pessoas. O que tem se ampliado dia após dia também é o apoio de amigos, de comunicadores populares, que acreditam na função social do Terra Sem Males, que fazem parcerias para ajudar na produção de conteúdo e na distribuição de jornal (PADILHA, 2016).

Neves ressalta que criar espaços independentes que possam divulgar as questões relacionadas aos marginalizados e lhes conceder visibilidade não se trata de colocá-los para falar ou falar por eles, e sim de criar e conceder espaço de debate.

Nesse sentido, desconstruir a relação de subalternidade aqui é transformá-la em relação de reciprocidade, não como um pacífico conciliador e amorfo face a face, mas como a potenciação do paradoxo, explodindo na construção de significados e processos de subjetivação diversas dos habituais – a transgressão como mudança de paradigma de entendimento e ação (NEVES, 2014, p. 66).

Em seu célebre estudo “A obra de arte na era de sua reprodutividade técnica”, Benjamin (2012, p. 179) reflete sobre a questão de que as artes e as comunicações mudam com as bases tecnológicas. Para Benjamin, cada arte e/ou forma de comunicação tem suas características específicas, e a tecnologia ajuda a moldar suas evoluções e “a forma de

percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo em que seu modo de existência”.

Analisando por esse prisma, o uso da tecnologia pela comunicação popular para aumentar o alcance de suas produções passa a ser uma consequência da evolução, visto que, segundo Benjamin (2012, p. 184), “fazer as coisas ficarem mais próximas” é uma preocupação tão apaixonada das massas modernas como sua tendência a superar o caráter único de todos os fatos através de sua reprodutividade”.

O *Terra sem Males* se apropria desse espaço disponível no ciberespaço para diferenciar suas pautas das usualmente executadas pela imprensa tradicional e, em uma linguagem jornalística simples, explorar conteúdos das comunidades e de interesse para ela e seus moradores. Temas como os conflitos fundiários e a reforma agrária, o impacto do rompimento da reserva de Mariana/MG, na vida dos trabalhadores, notícias dos acampamentos fundiários, manifestações, a crise econômica e política, além de outros assuntos que atingem diretamente os trabalhadores são recorrentes e permeiam todo o conteúdo do site, distanciando-se do que é considerado pauta para a imprensa tradicional. Padilha, editora do *Terra sem Males*, descreve alguns dos temas retratados como sendo os principais:

Enumero três coberturas que fiz com os olhos, com o sangue, com o suor e com o coração. Entre uma produção de conteúdo rotineira e outra, fomos parar na Ocupação Tiradentes, na Cidade Industrial de Curitiba, uma ou duas semanas depois que ela se constituiu. Fomos acompanhar uma passeata e uma assembleia dos moradores de lá, unidos com as famílias das ocupações 29 de Março e Nova Primavera. Saímos de lá com a bonita abordagem Retratos da Luta pela Moradia em Curitiba. O segundo momento que gostaria de compartilhar, que me levou para um mundo paralelo, foi acompanhá-lo num trabalho fotográfico na Feira de Sementes Crioulas de Mandirituba (PR). O mundo da comida sem veneno, da agricultura familiar, do engajamento de crianças, adultos e idosos em prol da alimentação. Desse dia, escrevi também com o coração a matéria Agroecologia: Guardiões das Sementes preservam a pureza dos alimentos. Foi um domingo de agosto ensolarado e em que fui recompensada com uma entrevista exclusiva com o Prêmio Nobel da Paz Adolfo Perez Esquivel. Publiquei um pouco sobre Esquivel na ocasião, mas a gente achou que a entrevista iria num impresso, então ela ficou também exclusiva nos arquivos do Terra Sem Males até mês passado, quando Esquivel retornou ao Brasil e decidimos publicar: Adolfo Perez Esquivel: “Para Mim A Militância É Todo Dia”. [...] Ah, mas essa semana... Tenho em mãos a tão sonhada edição sobre a importância da reforma agrária para milhares de famílias que se inserem no também, pra mim, mundo paralelo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Fomos recebidos no acampamento Dom Tomás Balduino, em Quedas do Iguaçu (PR), no acampamento Herdeiros da Terra, em Rio Bonito do Iguaçu (PR) e no assentamento Celso Furtado, também em Quedas, para tentar contar um pouco sobre a motivação dessa luta. [...] Para mim, o Terra Sem Males é tudo isso. É a retomada da função social do jornalismo [...]. (TERRA SEM MALES, 2016).

Esse jornalismo voltado para cumprir a função social de dar visibilidade e transmitir os acontecimentos e as lutas de diferentes pontos de vista da comunicação hegemônica em busca de um relato mais completo e fiel possível é tão utópico quanto é uma das melhores definições do que é, realmente, jornalismo.

No *Terra sem Males*, os temas escolhidos para as matérias veiculadas obedecem duas premissas: contribuir para que um assunto tenha todos os lados divulgados e/ou abordar temas que sejam de interesse dos trabalhadores. Com base nisso, até mesmo as reportagens de política e a coluna de esportes são escritas a partir desse ponto de vista, refletindo o que vai interferir na vida dessas pessoas. A abordagem é sempre do ponto de vista do trabalhador e/ou dos movimentos sociais, como forma de combater a hegemonia das divulgações feitas pela imprensa tradicional, que sempre foca no ponto de vista das empresas, governos e demais setores dominantes.

No entanto, nem por isso as notícias são feitas em cima de informações pouco sólidas. As pautas chegam de várias maneiras: via internet, páginas de movimentos sociais, sites de mídia alternativa, assuntos amplamente discutidos nas redes sociais, informações de bastidores, denúncia. E, antes de virarem notícia, são investigadas e fundamentadas em números e informações pautadas em divulgações oficiais, entrevistas e documentos públicos.

A diferença não está somente na construção da pauta e/ ou das notícias feitas pelo *Terra sem Males* e demais veículos de comunicação popular, mas começa já na escolha dos temas. Por estar mais próximo do seu público-alvo – e, na maioria das vezes, suas fontes e personagens, o *Terra sem Males* não veta previamente nenhum tema e busca produzir conteúdos que sejam importantes para o seu público-alvo. De forma mais livre de amarras comerciais que costumam pesar para os veículos de comunicação tradicionais, o TSM se posiciona a favor dos trabalhadores e, com base nisso, utiliza seu espaço como mídia para retratar as lutas e assuntos que impactem diretamente essas vidas.

Cada um dos profissionais envolvidos com o *Terra sem Males* produz seus conteúdos com liberdade de expressão e os envia para a edição final. Segundo Padilha (2016), só há intervenção em caso de algum termo ou expressão poder atrapalhar a leitura ou o entendimento. Nos demais casos, não há alteração de conteúdo, visto que a produção e a veiculação de diferentes enfoques é muito bem-vinda e um contraponto importante na busca por diferenciar o lugar da comunicação popular no universo da mídia.

Nesse sentido, uma das maneiras de combater o caráter excludente dos meios de comunicação tradicionais, que vetam determinados temas e expõem apenas o que lhes

interessa e da forma que interessa, seria romper, por meio da cidadania, os laços que amarram as mídias de massa à tutela política. Ou seja, nas disputas dos campos de poder, é necessário garantir a presença institucional da cidadania, conforme já dito anteriormente, deslocando o combate das ideias e ideologias para o campo das linguagens, onde confluem todos os campos sociais (PERUZZO; ALMEIDA, 2003, p.22).

Em contraponto a esse cenário é que se encontram os veículos de comunicação popular, alguns conduzidos por intelectuais simpatizantes e militantes dos movimentos sociais, tal como o *Terra sem Males*.

Em ambos os casos a motivação para criação de um veículo de comunicação popular perpassa a intenção de mostrar enfoques diferentes dos comumente divulgados pela mídia tradicional. Em ambos os casos os envolvidos podem ser ou não remunerados. Nas duas situações a busca pelo enfoque que impacte diretamente na vida das pessoas é percebida em cada uma das reportagens divulgadas. Existem diferenças, mas as semelhanças são tão acentuadas que os unem em uma mesma modalidade – a busca por um jornalismo menos comercial e parcial e em todos os casos a internet intensificou a atuação e facilitou a divulgação e a ampliação das ações.

Afinal, para Neves,

O ciberespaço se constitui como um espaço de construção de autores anônimos, coletivos e solidários, lugar de onde emergem novas discursividades, que se propõem a pensar os sentidos e os sujeitos em sua relação com a língua, a cultura e a história (NEVES, 2014, p. 81).

Segundo Gohn (2014, P. 138), a união de pessoas diretamente ligadas em torno de uma causa sempre existiu, mas, com a internet essa organização em redes, que pode começar em um bairro, uma quadra ou mesmo por uma ou duas pessoas, pode ganhar o apoio de pessoas que, se não fosse esse meio, dificilmente estariam envolvidas. O uso da internet e do telefone celular não é mais apenas instrumento de comunicação, mas meio de mobilização.

Nessa linha, os editores e colunistas do *Terra sem Males* usam a linguagem e a internet a favor de suas pautas. Por meio da internet é possível receber sugestões de notícias, depoimentos, unir jornalistas e colunistas, bem como construir o conteúdo coletivamente, mesmo a distância. Isso porque, segundo Gohn:

a existência dessa redes, sobretudo aquelas conectadas à internet, tem provocado um redimensionamento das distâncias e uma reterritorialização das ações coletivas, que muitas vezes acontecem em localidades distantes do lugar de origem dos grupos e movimentos sociais (GOHN, 2014, p. 218).

A posição do TSM é a de ser uma alternativa que possa trazer outros enfoques e situações não retratadas pelos veículos de comunicação comercial. Uma soma. Segundo Padilha (2016), o objetivo que permeia todo o projeto é o de ser transmissor de uma voz que não encontra espaço para mostrar a sua luta.

Dessa forma, por não criminalizar, dar a devida importância e oferecer o espaço para divulgar o trabalho e dar visibilidade para a luta dos movimentos sociais, o TSM ocupa o espaço e o papel da comunicação de tornar públicas as ações coletivas e de impacto, buscando oferecer à população enfoques diferenciados de um mesmo acontecimento e/ou notícias que estão acontecendo todos os dias, impactam diretamente na vida de uma grande parcela da população, mas são totalmente ignoradas pela mídia tradicional presa em seus valores e sua atuação dentro de premissas comerciais. Para Padilha (2016):

É você fazer de toda a sua existência e de tudo que está a sua volta, jornalismo para contar essas histórias que são desconhecidas de grande parte da população, que tem o filtro da TV comercial principalmente, que invisibiliza, despreza ou criminaliza essas lutas e histórias. Eu não me vejo parte do processo, mas todos os personagens e histórias que contamos são parte do meu processo e alteram minha vida de alguma forma.

Segundo Ferreira e Vizer (2007), os movimentos sociais e grande parcela da população que vive à margem dos meios de comunicação tradicionais não confiam nestes para divulgar suas ideias e políticas e recorrem aos veículos de comunicação popular tanto como fonte de informação quanto como divulgador de suas ações. Isso porque, segundo o autor, os meios de comunicação populares representam “os valores públicos, a cidadania, princípios coletivos” e têm a responsabilidade de ser “a voz dos profetas, denunciando a mentira, o engano, os poderes – ocultos ou declarados, a voz da verdade e a ética insubornável (p. 34)”.

A união dessa busca dos movimentos sociais e das milhares de pessoas que não se sentem retratados pela imprensa tradicional exponenciam o espaço que um veículo de comunicação popular tal como *Terra sem Males* pode e deve ocupar.

## 6.1 Outro olhar sobre a tragédia em Mariana

Ao olharmos as reportagens divulgadas no site do *Terra sem Males*, é possível perceber o seu posicionamento como um veículo de comunicação popular que tem como objetivo retratar os acontecimentos sob o olhar dos trabalhadores.

Na reportagem “Atingidos pela lama da Samarco não são só os desabrigados”, ANEXO A, por exemplo, para descrever o dia em que lama e rejeitos de minérios se soltaram após o rompimento da barragem de Fundão, de propriedade da empresa Samarco, e invadiram os lugares vizinhos levando destruição por onde passaram, o *Terra sem Males* optou por contar a história do ponto de vista de quem morava lá e sofreu na pele as suas consequências.

Maria Macedo, agricultora, e seu marido foram avisados, mas não acreditaram. Eles só se deram conta do que vinha pela frente quando ouviram o barulho da lama descendo. “Deu um estalo na cachoeira que tremeu tudo, acabou a luz, desatei os cachorros que estavam amarrados, peguei a bolsa de documentos e subimos o morro. Lá ficamos até o dia clarear e só voltamos quando a lama baixou. Perdemos galinhas, patos, uma roçadeira, plantações de mandioca, milho, feijão e enxadas. Os patos quando andam na lama dão uma pirueta e caem morto, explica ela (TERRA SEM MALES, 2015).



Imagem 1 – Maria Macedo  
Fonte: Terra sem Males, 2015

Veículos de comunicação que utilizam os próprios cidadãos para contar suas histórias, do seu ponto de vista, do lado de “dentro da história”, assim como faz o *Terra sem*

*Males*, é uma tendência da “comunicação horizontal em rede” (p. 18), conceituada por Castells como um dos mais importantes processos comunicativos emergidos das comunidades organizadas e da era da informação:

Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para as suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças. Elaboram seus projetos compartilhando sua experiência. Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando da mensagem. Lutam contra os poderes constituídos identificando as redes que os constituem (CASTELLS, 2013, p. 18).

Essa comunicação em rede se desenvolve de forma orgânica e linear no *Terra sem Males*, uma vez que as reportagens, em sua maioria, são cobertas *in loco* e preparadas para divulgar o acontecimento de forma a trazer algum registro do acontecimento e o seu impacto na vida das pessoas envolvidas.

Na matéria em questão, um dos editores *do Terra sem Males*, Joka Madruga, foi para Mariana logo após o rompimento da barragem e ficou lá durante alguns dias com o intuito de ouvir os moradores e registrar – por meio de imagens e textos - a situação daquelas pessoas que ficaram ilhadas por mais de cinco dias, visto que a lama encobriu a estrada e levou embora a única ponte.

Ainda sob o efeito dos acontecimentos recentes, os relatos traziam à tona preocupações atuais naquele momento, pois não era possível sequer prever o tamanho do impacto no dia a dia.

Maria Goreti disse que os animais ficaram 5 dias sem alimentos. “Os animais (vacas leiteiras) ficavam olhando pra gente e berrando pedindo ração. Elas não gostam do pasto no morro, elas querem ficar na pastagem perto do rio (que está coberta de lama)”, relata com os olhos lacrimejando (TERRA SEM MALES, 2015).

Clodoaldo Carneiro, produtor de leite, precisou alugar um pasto do vizinho para manter seus animais. Antes da tragédia ele produzia cerca de 400L de leite por dia. Agora está na média de 250L diários. Carneiro e sua mãe têm 193 hectares de terra, sendo que metade foi engolido pela lama da Vale/BHP-Billiton/Samarco. Só ficou a parte onde tem morro. Ele e sua mãe foram avisados às 19h, (o rompimento aconteceu por volta das 16h30), quando chegaram na residência, que fica no meio do morro e por isto não tiveram a casa destruída. A lama chegou em Pedras às 21h15 e pouco antes eles passaram pela ponte que foi levada (TERRA SEM MALES, 2015).



Imagem 2 – Maria Goreti  
Fonte: Terra sem Males, 2015

Relatos como este são muito diferentes dos que foram amplamente divulgados pela imprensa tradicional, os quais traziam a informação de que os moradores foram avisados muito antes do desastre. No entanto, segundo o *Terra sem Males* (2015), “todos e todas com quem conversamos disseram que não foram avisados pela empresa, mas por um homem de moto da região, pai de um trabalhador da Vale. Algumas famílias não acreditaram no alerta”.

O texto da reportagem, feito por Padilha (2016), traz poucas explicações sobre o desastre em si, pois este foi amplamente mostrado pelos diversos meios de comunicação, inclusive exaustivamente pela TV. Podemos perceber que, já no início do texto, fica claro que não será mais um conteúdo descrevendo o acontecido de forma geral e ampla, mas sim o relato de alguns moradores que viveram o momento e as consequências da enxurrada de lama que cobriu boa parte dos distritos vizinhos de Mariana/MG.

As linhas iniciais, assim como todos os relatos, traz forte apelo emocional e muitos elementos do jornalismo literário, tais como o personagem como centro do texto e o relato de histórias de gente comum.

Resgatar a memória local como instrumento para a construção de textos jornalísticos mais humanizados é uma forma de mostrar que conhecer histórias de gente comum pode ser uma ótima oportunidade de encontro entre pessoas e práticas sociais, de reencontro entre a história e a vida real. E relatar memórias e narrativas do cotidiano das pessoas pode ser uma

maneira de divulgar versões silenciadas e esquecidas de grupos sociais sem visibilidade na mídia.

Estes relatos fazem parte da História Oral, cuja base de estudos privilegia aquelas histórias, irreconhecíveis como história, que não nos falam de fatos que não se constituem em documentos, mas em signos, que não nos apresentam argumentos, mas sentidos, que não são apenas fontes, mas histórias de vida.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992, p. 44).

Os conteúdos trazidos por cada um dos personagens que fazem parte da reportagem contam um pouco da história do que aconteceu de uma forma descritiva e acompanhado das consequências, em detalhes que só podem ser relatados por pessoas que estavam *in loco* e possuem a memória do antes e depois. Isso resulta em uma análise prática das consequências e do impacto da lama em suas vidas cotidianas.

A sensibilidade na transcrição desses relatos, feitos diretamente ao Joka, editor do TSM, e transcritos em forma de texto por Padilha, é outro ponto forte do texto. Ao dar espaço para a voz dos atingidos, sem expectativa do resultado da entrevista, nem amarras junto às empresas causadoras do desastre, o resultado é um texto que traz um misto de relato do acontecimento e fragmentos da vida dos personagens.

A escolha dos entrevistados, no caso dessa reportagem foi feita aleatoriamente, conforme o editor ia ouvindo as histórias pelas ruas em que passava. Cada uma das pessoas foi ouvida e posou para fotos perto das suas moradias. Lugares em que, até o dia do rompimento da barragem, a vida seguia seu ritmo lento e tranquilo. Ao serem estimulados a contar o que viveram, sem perguntas estruturadas, sentiram-se a vontade para falar.

Além do texto, as fotos da reportagem ajudam a recompor a história acontecida naquele local. Em algumas partes daquela e de outras comunidades vizinhas, a lama chegou a subir 15 metros e destruiu o que encontrou pela frente. Foram comunidades inteiras devastadas pela enxurrada de dejetos que culminou na morte de dezenas de pessoas, o desaparecimentos de outras e deixou centenas de desabrigados, além de destruir plantações, moradias e matar animais domésticos e silvestres. Especialistas afirmam que se trata de um dos maiores crimes ambiental e sociais de que se tem registro no Brasil.

Na reportagem, podemos ver imagens de propriedades, casas e plantações destruídas pela lama. A primeira fotografia tirada apenas alguns dias após o desastre, mostra que sobrou em pé na propriedade uma pequena cerca de madeira e o que tinha ao redor foi destruído. Nessa região, o povo que morava ali ficou ilhado por cinco dias, não conseguia nem mesmo sair da localidade, pois a lama encobriu a estrada e levou embora a única ponte que dava acesso às demais localidades.

A foto seguinte (imagem 2) mostra gados produtores de leite da região que ficaram sem pastagem e sem ração durante os cinco dias de isolamento e lutam pela sobrevivência recebendo comida racionada e pouca água.

Imagens como a da casa destruída (foto 4) após receber uma enxurrada de quinze metros de lama são a personificação de histórias como a da Dona Maria Macedo, que relata que a família perdeu a casa, plantações, animais de criação, máquinas agrícolas e tudo o que fazia parte do dia a dia da família até aquele momento.

A foto do agricultor Manoel da Silva (imagem 3), que não poderá mais usar o rio que passa a cem metros da sua residência, é uma das imagens que mostram o cenário de guerra e destruição que tomou conta das propriedades. Ao fundo, é possível ver o rio de lama, que agora faz parte da paisagem.



Imagem 3 – Manoel da Silva  
Fonte: Terra sem Males, 2015

Essas expressões são captadas por Madrugá (2016) nas fotos contidas nessa reportagem, nas quais se misturam a visão do fotógrafo e a imagem que ele capta. Afinal, segundo Bahktin:

A relação do autor com o representado sempre faz parte da composição da imagem. Não se pode separar o autor das imagens e personagens, uma vez que ele integra a composição dessas imagens como parte inalienável (as imagens são biunívocas e as vezes bivocais) (BAHKIN, 2011, p. 321).

No texto mais conhecido e célebre em que Gramsci aborda o jornalismo, sua visão é a de que este deve ser usado como uma ferramenta para buscar a igualdade, mas sem esquecer que cada um tem sua parcela de atuação:

A elaboração nacional unitária de uma consciência coletiva homogênea, de um modo de pensar e de agir hegemônico é a condição principal, mas não deve e não pode ser a única. Um erro muito difundido consiste em pensar que toda a camada social elabora sua consciência e sua cultura com os métodos dos intelectuais profissionais (GRAMSCI, 1978, p. 173).

No *Terra sem Males*, embora as reportagens sejam escritas por intelectuais profissionais, o protagonismo e a parcela de participação individual de cada cidadão retratado é preservada para que o veículo possa ser mais do que um contador das histórias que encontra. Possa ser também quem transmite a voz desses cidadãos.



Imagem 4 – Cristiana Aparecida  
Fonte: Terra sem Males, 2015

Cristiana Aparecida, agente de saúde em Pedras, não consegue dormir de preocupação por causa da lama na estrada e a ponte caída. “Deito na cama e fico preocupada. E se alguém adoecer? Não tem como sair com rapidez. Minha filha chegava da escola as 11h30, agora leva umas duas horas a mais, pois o motorista do ônibus precisa dar uma volta imensa. Espero que recuperem a ponte logo”, desabafa num misto de emoção e revolta (TERRA SEM MALES, 2015).

Segundo Madruga (2016), a intenção dessa reportagem, assim como o que norteia todas as demais, é contribuir para que as lutas populares não sejam escondidas e, para isso, escrever suas histórias, por meio de textos e imagens, de modo que a voz deles seja transmitida e chegue às pessoas que não teriam acesso se não fosse o *Terra sem Males*. “Há muitas histórias de trabalhadores para ser contada”, ressalta ele.

## 6.2 Minha terra, minha vida

Conteúdos sobre acampamentos dos Trabalhadores sem Terra não são pauta nova em matérias da imprensa brasileira e estrangeira, visto que esse é um tipo de movimento social que gera curiosidade, principalmente quanto à rotina dos assentados.

Se fizermos uma busca rápida, o Google nos apresenta mais de 470 mil opções de conteúdos sobre o tema, com os mais diferentes enfoques e estilos de cobertura.

No entanto, ao ler esses conteúdos, é possível levantar a hipótese de que a maioria das reportagens foram feitas por repórteres que fizeram uma visita rápida ao acampamento para colher depoimentos e informações e/ou com base em conteúdos recebidos por meio de releases institucionais ou de denúncias de empresas ou do poder público.

Nesse ponto, encontramos a primeira diferença entre a cobertura desse movimento pela imprensa tradicional e pelo TSM.

Conforme é possível perceber na reportagem “24 horas num acampamento sem terra”, e é até mesmo sugerido já no título, a repórter Paula Padilha e o repórter cinematográfico Joka Madruga viveram e acompanharam as rotinas dos moradores durante 24 horas, com o objetivo de vivenciar aquilo que iriam retratar na reportagem.

O texto descritivo traz informações detalhadas sobre o acampamento e seus moradores e induz o leitor a imaginar os cenários citados, bem como as condições de vida das pessoas que ali vivem.

O acampamento tem uma população de 1,2 mil famílias, entre elas cerca de 400 crianças, e é 70% estruturado com casas de madeira. Alguns permanecem em barracos de lona. Os pequenos luxos das moradias são uma lâmpada e uma tomada ligada à energia elétrica por casa, além de água encanada na pia. Também há estrutura de banheiro, ainda que as instalações sejam precárias (TERRA SEM MALES, 2015).

A narrativa acompanhada de detalhes que ressaltam as dificuldades, mas também as conquistas identificadas, humaniza o texto e se torna um dos diferenciais do relato e reforça a característica do site, de ser um espaço para divulgar as lutas e história do povo, por meio de textos feitos por quem não é da comunidade, mas se coloca próximo o bastante para fazê-lo.

A estrutura para instalação de escola é sempre prioridade nos acampamentos. “Temos a escola como estratégia de resistência. A proposta pedagógica é diferenciada”, conta Juliana de Melo, jovem de 19 anos formada no magistério, uma das professoras que é também moradora de acampamento e que assumiu turmas sem ajuda de custo e sem o reconhecimento inicial da escola (TERRA SEM MALES, 2015).

Segundo Castells, as redes formadas por cidadãos unidos por determinadas causas podem, por meio dessa aliança, oferecer ao leitor um modelo diferenciado de conteúdo, já que esse contem parte das vidas envolvidas como tema e pauta centrais. Esse princípio permeia toda a reportagem.

Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seu sofrimento, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças (CASTELLS, 2003, p. 18).

No entanto, esse recurso é utilizado sem recorrer ao estereótipo de “coitadinho” ou de “marginais”, que costuma acompanhar os personagens de matérias sobre o tema dos moradores de acampamentos sem-terra.

Para contar essa história, mais uma vez o TSM busca uma linguagem com alguns elementos de “era uma vez” para descrever o movimento das pessoas e suas ações e rotinas. Ao descrever a “luta diária”, o enfoque e a linguagem usada ressaltam o que tem de positivo sendo feito pelos moradores do acampamento, num movimento de enaltecer os moradores e tentar aproximá-los do leitor, descrevendo a rotina que poderia ser a de qualquer morador de alguma área rural:

Os moradores acampados se reúnem às 7h30 para o café da manhã coletivo e juntos seguem para uma área em que crescem plantações de sementes crioulas de milho e feijão, além da produção de alimentos como mandioca, para subsistência dos moradores do local. O movimento prioriza a produção agroecológica, a luta pela comida sem veneno, saudável como processo de formação das famílias acampadas. É tarefa semanal das famílias cortar pinus para produzir alimentos. E sem acesso à tecnologia (TERRA SEM MALES, 2015).

A linguagem jornalística utilizada de forma clara e simples e o uso de palavras de uso cotidiano que se faz presente em todo o site e, segundo Padilha (2015), “é uma das formas utilizadas pelo TSM para se aproximar do leitor e dos personagens retratados pelas matérias” é facilmente identificável na reportagem aqui analisada.

O texto narrado em primeira pessoa por Padilha também tem efeito de aproximar o leitor do mundo e das informações que estão sendo transmitidas, pois deixa aquela sensação de uma história que está sendo contada diretamente do narrador para o leitor e gera a impressão de participação na experiência relatada:

Estivemos com o prefeito de Quedas do Iguaçu, Edson Prado, conhecido como Jacaré. Ele contou que é acusado pela Araúpel de apoiar o movimento, mas não afirma que apoia. Em contrapartida, Jacaré está articulando com o governo estadual a implantação de uma cooperativa de laticínios para beneficiar pequenos produtores

de leite, nos moldes da Terra Viva, de Santa Catarina, que faz o beneficiamento de produtos do MST. A cooperativa traria ao município a arrecadação de impostos da produção leiteira do MST (TERRA SEM MALES, 2015).

O estilo de relato que busca a aproximação com o leitor, aliado ao conteúdo com indícios de denúncia e crítica social à imprensa e rede de indústrias consideradas opressoras para os trabalhadores, também é característica do TSM e é utilizado pelos autores na maioria das reportagens que compõem o site. Em seu editorial e durante a entrevista concedida, os editores e administradores do TSM reforçaram a posição do site em ir além de relatar a voz dos trabalhadores oprimidos, mas também denunciar o que os estiver oprimindo.

Esse posicionamento é retratado em várias situações relatadas nessa reportagem e pode ser exemplificado pela frase: “O investimento midiático da Araupel para criminalizar o movimento é notoriamente forte. Passa por anúncios de página inteira publicados em jornais impressos locais, inserções na televisão, espalhando o temor do desemprego se a empresa fechar (TERRA SEM MALES, 2015)”.

Segundo PAIVA (2003), “a comunicação, mais do que nunca, transforma-se numa força cujos limites estão estabelecidos a partir do colocar em comum, ou seja comunitarizar a informação”. Ao usar de recursos textuais e de linguagem para aproximar o leitor dos personagens das reportagens, o TSM divide entre todos os envolvidos as informações que conseguiu coletar na apuração dos fatos retratados, bem como também a interpretação desse conteúdo, usando a comunicação de forma compartilhada e descentralizada.

Essa forma de fazer comunicação e conduzir o olhar do leitor para enfoques diferenciados sobre temas importantes tendo assuntos cotidianos como fio condutor promove uma diferenciação além da mera segmentação de público, pois envolve veículos, jornalistas e personagens na construção da notícia.

Para Paiva (2003), “notícia pode ser assim chamada desde que divulgue conteúdos que interessem aos seus leitores”. Ao optar por ir além e incluir informações cotidianas dos assentados do Acampamento Dom Tomás Balduino, o TSM busca divulgar uma versão própria do dia a dia das pessoas que compõem o Movimento MST por meio da amostragem dessa comunidade, e tenta levar ao leitor informações que obtiveram vivendo 24 horas com os moradores que possam ser de seu interesse e também possibilitar ao leitor um conhecimento mais aprofundado e humanizado dos personagens e suas vidas:

O assentamento Celso Furtado, localizado também em Quedas do Iguaçu, é responsável pela produção de três milhões de litros de leite por mês, abastecendo 17 empresas de laticínios de outras cidades. Lá vivem 1.400 famílias, em lotes de cinco alqueires. Anelio Moraes e sua esposa, Lucimar, contam que desde 1999 viveram

acampados às margens da BR 158 e foram assentados em 2005, quando começaram a produção leiteira. Atualmente, com 18 vacas, produzem até 5 mil litros de leite ao mês, que é a renda familiar (TERRA SEM MALES, 2015).

Se a linguagem é um dos instrumentos da construção da realidade, ao trazer informações mais humanizadas dos moradores de um acampamento sem terra, a reportagem do TSM auxilia o leitor no entendimento da luta e da vida dessas pessoas, sem que sejam induzidos a criminalizá-los, sem conhecê-los.

A linguagem utilizada na reportagem conduz o leitor a esse conhecimento e, mesmo ouvindo diversos lados da história e vários envolvidos – Araupel, prefeitura, comerciantes, comunicador popular-, a vida e a posição dos moradores são utilizadas como tema principal e condutor do texto.

A foto produzida por Madruga e que ilustra essa reportagem, embora não traga um personagem, também sugere a intenção de centralizar na vida e nos ideias dos moradores.

Ao dar destaque para o tema “Essa terra é nossa”, em evidência na imagem, fica clara a intenção de defender o ponto de vista dos acampados, o que também pode ser confirmado pela fala de um dos entrevistados, ao dizer que os moradores da cidade de Quedas do Iguaçu, onde fica o acampamento, estão mais abertos ao diálogo, já que, segundo ele, o debate em torno da reforma agrária está em pauta depois da chegada do acampamento.

Segundo Joly (2007), a ideia de imagem, seja ela uma foto, uma pintura ou um desenho, é ampla, mas legível para nós, já que faz parte do nosso imaginário e precisa de uma interpretação para que possa ser concretizada:

Compreendemos que ela designa algo que, embora não remetendo sempre para o visível, toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece (JOLLY, 2007, p. 13).

Esse reconhecimento ou produção citado por Jolly é feito por cada um de nós, a cada imagem recebida, de forma quase instantânea e inconsciente. Ao recebermos a imagem de uma árvore desenhada por uma criança, logo percebemos de qual objeto se trata, mesmo que, muitas vezes, nossa imagem mental de uma árvore, por exemplo, seja diferente da retratada. De alguma maneira, nós conseguimos “traduzir” aquela imagem e atribuir a ela algum sentido e significado. É como se ela fosse a parte visível de algo que está no nosso subconsciente.

Para a autora, a mesma coisa acontece quando se trata de uma foto ou imagem de algo que não conhecemos. Nossa mente tenta associar aquela figura a algo que conhecemos ou decifrar com conteúdos já assimilados em nossa memória.

Quando pensamos em um acampamento sem terra, nossa mente trabalha com conteúdos que já estão no nosso imaginário para nos oferecer uma imagem do que seria esse tema que estamos invocando.

No entanto, o que acontece quando vemos uma imagem como a que ilustra a reportagem do TSM aqui analisada? Ela se parece com as imagens mentais que temos sobre o tema?



Imagem 5 – Acampamento Tomás Balduino  
Fonte: Terra sem Males, 2015

A foto utilizada traz um pedaço de terra com pinus plantados ao fundo e duas placas onde se lê frases que conduzem o olhar do leitor de forma direta para a motivação do acampamento e do MST.

Essa imagem não mostra os assentados em situações deprimentes e/ou barracos construídos de forma precária, como é mais comum vermos fotos ilustrando reportagens sobre o tema. A escolha de Madrugá é mais sutil, mas nem por isso menos objetiva.

A apresentação das frases em uma imagem costuma trazer para a foto também a força da linguagem, o que ajuda o leitor a fixar a mensagem por diversos meios de recepção de conteúdo.

Na reportagem aqui analisada, a mensagem da imagem, somadas às repassadas por meio da história contada no formato do relato de alguém que viveu, mesmo que por algumas horas, a realidade descrita, utiliza-se de muitos conceitos da comunicação popular para criar um sentimento de pertencimento dos repórteres com o tema e de proximidade da comunidade retratada com os produtores do conteúdo.

Esse método torna a matéria diferente dos formatos comumente usados pela imprensa tradicional e consegue levar ao leitor enfoques e dados também diferenciados que ajudam a ampliar seu conhecimento sobre o tema e o olhar. Por isso, embora não tenha sido produzido por alguém da própria comunidade, a reportagem consegue levar o leitor até os personagens e o acampamento que ilustra sua história. E essa é, sem dúvida, um dos grandes diferenciais da comunicação popular.

### 6.3 Protesto não é crime

É muito discutido quando se fala em comunicação e ainda mais quando se fala em comunicação popular, a questão da relevância das pautas abordadas pelos veículos e o quanto a leitura de uma determinada matéria pode impactar em suas vidas cotidianas.

A maioria dos manuais de redação traz a orientação de que essa é uma das premissas que deve reger a produção de reportagens, juntamente com a objetividade e a imparcialidade.

Na imprensa tradicional, sabemos que essa busca é bastante utópica e, muitas vezes, deixada em segundo plano para atender as questões ligadas ao mercado, que mantém os veículos de comunicação funcionando.

No entanto, na comunicação popular essa premissa ganha força com a proximidade dos produtores de conteúdo com os personagens e as notícias produzidas. No caso da reportagem aqui analisada, o repórter fotográfico e editor do TSM, Joka Madruga, esteve no protesto e acompanhou todo o massacre.

Nessa ocasião, segundo a APP Sindicato, mais de 20 mil servidores públicos, a maioria professores, protestavam pacificamente contra um Projeto de Lei que tinha como objetivo utilizar recursos da previdência social dos servidores estaduais para quitar dívidas do Estado com eles próprios.

Naquela manhã de 29 de abril de 2015, com a intenção de parar o protesto, que acontecia em frente ao Palácio Iguaçu, e dar andamento à votação da proposta pela Assembleia Legislativa do Paraná, o governador Beto Richa autorizou o uso da força pela Polícia Militar - com armas de gás lacrimogênio, spray de pimenta e diversos tiros com balas de borracha para dispersar os manifestantes, deixou mais de 200 feridos, alguns gravemente e pavor para quem estava presente e quem viu imagens como as que ilustram essa reportagem.

Cobrir eventos de protesto está na lista de pautas principais da comunicação popular, já que retrata justamente o que incomoda a comunidade e pelo que estão lutando. Diversos autores apontam que essa proximidade entre a comunidade e o produtor da notícia é uma das características da comunicação popular.

Na reportagem aqui analisada, Madruga e Padilha narram a repressão violenta ao protesto de forma clara, objetiva e em linguagem coloquial, sem deixar de evidenciar a barbárie presenciada e a gravidade da situação retrata:

Uma partida de futebol. Este foi o tempo que a Polícia Militar passou atirando bombas, de forma ininterrupta, contra os servidores públicos que protestavam pacificamente contra o Projeto de Lei 252/2015. A iniciativa, do Governo Beto Richa (PSDB), está sendo chamada de “Confisco da Previdência” dos servidores públicos. Os atos aconteceram durante a tarde desta quarta-feira (29) no Centro Cívico, o núcleo dos poderes paranaenses (TERRA SEM MALES, 2015).

É possível perceber que, mesmo iniciando a frase com uma expressão coloquial, usada, provavelmente, com a intenção de levar o leitor a compreender o tempo que levou toda a ação descrita na reportagem, na frase seguinte, Padilha também traz o número oficial do projeto de lei e o título da proposta que estava prestes a ser votada, mesclando informações densas com frases com linguagem mais cotidiana. Características da comunicação popular usadas para facilitar a compreensão de temas complexos por seus leitores.

A linguagem clara e simples e o formato descritivo, potencializado pela participação de entrevistados que também eram manifestantes, auxilia o leitor a visualizar um pouco do que foi a situação vivida por quem estava no local:

Professores, funcionários de escola, da saúde, agentes penitenciários e uma série de outros trabalhadores estavam no Centro Cívico quando a Polícia Militar iniciou os ataques. Dados preliminares apontam para mais de 200 pessoas feridas, sendo que aproximadamente 50 foram encaminhadas para hospitais. Algumas em estado grave. A vice-presidenta nacional da CUT, Carmen Foro, foi ferida no braço por uma bomba. “Na minha história de lutadora já fui obrigada a enfrentar a polícia por várias vezes. Ainda mais no meu Estado, o Pará, onde há uma grande violência contra os trabalhadores e trabalhadoras rurais. Mas o que eu vi hoje é muito grave. Todo o aparato do Estado em um combate direto com a população”, analisou (TERRA SEM MALES, 2015).

Nesta reportagem, assim como nas outras duas analisadas nesta dissertação, embora algumas vezes vejamos contempladas as vozes oficiais, é a voz do trabalhador que é amplificada e retratada, bem como o ponto de vista deles em cada uma das pautas. No caso especificamente dessa matéria, na citação acima, vemos também a fala da vice-presidente nacional da CUT (Central Única dos Trabalhadores) representando uma que tem como objetivo defender os direitos dos trabalhadores.

Transmitir a voz que vem das comunidades e dos trabalhadores é algo presente nos textos do TSM, bem como a presença deles como entrevistados e personagens principais, ora narrando, ora contando sua história, ora dando sua opinião, mas sempre no papel de protagonista da narrativa contada.

No texto aqui analisado, essa voz foi retratada por meio de dirigentes de entidades que representam os trabalhadores, sempre marcando o posicionamento:

A secretária da mulher trabalhadora da CUT Nacional, Rosane Silva, também acompanhava a mobilização da APP-Sindicato e demais servidores e disse estar perplexa com o que aconteceu. “Nunca tinha visto nada parecido. Já participei de muita greve, muito piquete em porta de fábrica, manifestações contra retirada de direitos como 7 de abril em Brasília. Mas aqui nunca vi em minha vida, desde que milito no movimento sindical, algo como aconteceu aqui no Paraná”, afirmou (TERRA SEM MALES, 2015).

As imagens desta reportagem ilustram essa citação ao mostrar momentos de barbárie vividos pelos manifestantes durante o protesto e que, se as isolássemos nas informações descritivas, lembram até cenas de guerra.

A foto abaixo retrata o momento em que uma professora, para mostrar a desigualdade de forças e de aparatos, aparece ajoelhada e completamente desarmada em frente aos homens do batalhão de Choque, grupo de forças especiais da polícia militar escalado para grandes batalhas urbanas, munidos de escudos e armas, sendo protegidos pelo caminhão blindado. Ao fundo, mais policiais do Choque, da Cavalaria e todo um aparato policial em contrapartida à presença da miúda e frágil professora.



Imagem 6 – Confronto manifestantes e Choque  
Fonte: Terra sem Males, 2015



Imagem 7 – Panorâmica do confronto  
Fonte: Terra sem Males, 2015

Se olharmos com mais atenção, podemos notar ainda que há um soldado que aparece entre os escudos empunhando uma arma que, pelo tamanho, sugere força desproporcional para enfrentar manifestantes desarmados e despreparados para o confronto, em sua maioria professores.

A imagem choca ao constatarmos essa guerra desigual de forças e é personificada na imagem da professora ajoelhada, em um ato de busca de redenção. A foto em preto e branco amplia ainda mais essa percepção, afinal, segundo Joly, “a imagem assemelha-se ou confunde-se com aquilo que ela representa (2007, p. 19)”.

Para a autora, uma imagem é um instrumento de comunicação que pode levar conhecimento sobre um fato, ser reflexo de uma situação e até mesmo enganar os olhos e conduzir ao erro (p. 19). Nesse sentido, a união de imagem e texto no TSM auxilia na condução do olhar do leitor para a situação tema da matéria. As fotos são reforçadas pela descrição feita pelas entrevistadas:

Nunca vi nada assim na minha vida. O governador Beto Richa e o secretário de segurança Fernando Franschini precisam ser responsabilizados pelo que ocorreu hoje. Vidas foram colocadas em risco, pessoas estão feridas em estado grave por um único motivo: manifestarem-se de maneira pacífica para defender seus direitos, seu dinheiro acumulado ao longo de décadas. Esse é o choque de gestão prometido pelo

governador? O sangue dos trabalhadores e trabalhadoras do serviço público?, questionou a presidenta da CUT Paraná, Regina Cruz (TERRA SEM MALES, 2015).

As imagens 7 e 8 mostram a mesma situação, mas por outro ângulo e nelas podemos ver a Tropa de Choque avançando enquanto os manifestante, acuados, vão recuando em um bloco de pessoas com medo e sem possibilidade nenhuma de enfrentar os seus opositores e alguns feridos.



Imagem 8 – Manifestantes feridos  
Fonte: Terra sem Males, 2015

Nessas imagens, também fica clara, mais uma vez, a posição do TSM ao cobrir o evento. Elas contemplam o que os trabalhadores estão vendo naquele momento, como se retratasse o mesmo que os olhos deles irão guardar na memória sobre aquele dia. As mesmas fotos revelam que, diferente dos policiais, os professores nada lembram um grupo organizado para o combate, já que é possível ver que a maioria das pessoas ali presentes nem sequer estava olhando para a formação militar posta a sua frente. Em outras três fotos podemos ver o resultado da ação policial para os manifestantes. Uma das imagens captura um dos momentos em que bombas de ar lacrimogênio atinge as pessoas e o desespero que desperta.



Imagem 9 – Bombas de gás lacrimogênio  
Fonte: Terra sem Males, 2015



Imagem 10 – Policiais lançando gás lacrimogênio  
Fonte: Terra sem Males, 2015

Nas imagens 9 e 10 é possível observar que o TSM se posiciona na mesma linha e lugar em que estão os manifestantes e, por conta disso, consegue transformar em imagem a barbárie que é relatada também no texto. Aqui, as imagens são utilizadas como ferramenta da comunicação popular para eternizar o momento vivido por um grupo de trabalhadores oprimidos pela polícia e como alternativa à cobertura feita pela imprensa tradicional, que não costuma se posicionar a favor dos manifestantes.

Na cobertura do TSM sobre o protesto de 29 de abril de 2015 a união entre imagem e texto descritivo posiciona o olhar do leitor para o sofrimento dos manifestantes e ele lá permanece, com uma dúvida que fica sem explicação: será que era preciso o Estado enfrentar um grupo de professores e funcionários públicos munido do aparato de guerra da Polícia Militar? Batalhão de Choque? Helicóptero? Cavalaria? A cobertura do *Terra sem Males*, assim como quem participou do protesto não seria capaz de nos dar essa resposta, mas foi capaz de mostrar o que aconteceu naquela manhã e documentar para que não seja esquecido ou minimizado.



Foto 11 – Aérea do confronto  
Fonte: Terra sem Males, 2015

## 7 CONCLUSÃO DA ANÁLISE

A cobertura de temas que atingem as pessoas envolvidas e causam comoção - seja pela tamanho da tragédia, como é o caso do rompimento da barragem em Mariana, seja pela intensidade da barbárie e das consequências, como é o caso do embate entre o Estado do Paraná e os servidores públicos, no dia 29 de abril de 2015, ou seja pelo estilo de vida vivido pelos moradores dos assentamentos Sem Terra, que são um mistério para a grande maioria das pessoas - não são temas fáceis de trabalhar em uma reportagem.

Muitas matérias foram feitas tendo cada um desses temas como assunto principal. Algumas enfocando o acontecimento em si – que já rendia muita coisa; outras enfocando as entrevistas com os diversos personagens e fontes envolvidas e também aquelas que usavam os personagens para levar os leitores às lágrimas.

Então, qual o diferencial encontrado nas matérias do TSM sobre esses temas? Afinal, eles não usam também personagens para contar essas e outras histórias?

De fato, como podemos perceber nas reportagens e exploramos nas análises, o foco do TSM é sempre os trabalhadores e as pessoas em geral envolvidas nos temas selecionados para as matérias. Não é na escolha do que usar como fonte que se encontra o maior diferencial de um veículo de comunicação popular tal como o TSM, mas sim na maneira como essa fonte é selecionada e na forma como é utilizada na reportagem.

Nas matérias analisadas do TSM, assim como em quase todas as contidas no site, os personagens não são somente fonte. São o tema principal, os protagonistas, são quem direciona o olhar do repórter e o fio condutor de todos os temas. Todas as reportagens são sobre os personagens e para eles, a maioria também consumidor dos conteúdos do site em uma cadeia que torna o TSM parte do cotidiano deles e de uma legião de simpatizantes.

Nem por isso as reportagens deixam de conter também os representantes dos órgãos oficiais e os diversos atores envolvidos, oferecendo ao leitor um recorte completo do acontecimento por diversos pontos de vista, no entanto, fica nítido em cada uma das matérias o posicionamento de ter os trabalhadores e os personagens como foco principal.

O fato de ter um repórter fotográfico na equipe nos oferece ainda a oportunidade de “ler” esses acontecimentos e esse olhar apurado por meio de imagens impressionantes e exclusivas, justamente pelo ângulo escolhido para retratar.

As fotos das três reportagens aqui analisadas trazem um conteúdo alternativo ao divulgado pela mídia tradicional justamente por escolher mostrar o lado dos personagens como objeto principal e trazer para o leitor algo que ele, quem sabe, não veria nem mesmo se estivesse no local dos acontecimentos.

A união perfeita entre imagem e texto nos mostra o quanto a proximidade dos repórteres com os temas e seus personagens acrescentam em profundidade na cobertura feita para essas matérias e também é um dos diferenciais das reportagens divulgadas pela imprensa tradicional.

O TSM usa as linguagens de diversas maneiras com a intenção de levar o personagem das histórias contadas até o leitor, de mostrar que histórias de gente comum são até mais interessantes do que as que vemos diariamente por aí e, ao aproximar esses dois perfis, percebemos que eles se misturam e podem ser até mesmo a mesma pessoa.

Embora as matérias não sejam feitas por alguém da comunidade público-alvo do TSM, como é mais comum encontrarmos nos veículos de comunicação popular, os repórteres e editores do site compensam essa diferença mergulhando em cada uma das coberturas que fazem a fim de produzir um conteúdo o mais próximo possível dos envolvidos. Essa estratégia possibilita lermos matérias singulares como as que foram analisadas aqui.

Nessa aproximação com os personagens retratados, ganha o leitor, ganha a comunidade e os editores do TSM, já que a criação de redes de confiança exerce influência mútua em torno de lutas que passam a ser comuns e a ter espaço de divulgação.

Essa comunicação popular que emerge de redes de apoio, como é o caso do TSM, desenvolve-se basicamente via internet e se consolida na cobertura para as reportagens. Uma vez que a maioria dos veículos de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e grandes empresas de mídia, é em veículos como esse, baseados nos princípios da comunicação popular, que a população encontra espaço para divulgar suas lutas, ver retratados assuntos relevantes para o seu cotidiano e uma esperança de ter espaço para se sentir pertencente ao grupo de incluídos pela mídia.

Dessa maneira, fazendo parte do universo retratado pela imprensa e que o constrói todos os dias, os trabalhadores e personagens comuns da vida cotidiana, junto com o TSM, tomam para si o protagonismo de criar um discurso próprio e ver retratado na imprensa, mesmo que em uma pequena parcela dela, um pouco de seus sonhos, suas lutas e sua vida.

O TSM ocupa a lacuna deixada pela imprensa tradicional e lança o olhar para essas pessoas, mostrando os grandes acontecimentos e os temas atuais, mas sempre sob o olhar daqueles que vivem e lutam todos os dias e, mais do que personagens, são protagonistas.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos em que a distância entre a imprensa tradicional e os moradores das comunidades parece ficar maior, a comunicação popular aparece como uma alternativa para colocar os assuntos da comunidade em destaque e provocar o debate entre os seus integrantes e as demais pessoas da sociedade. Muitas vezes esse é o ponto de partida para colocar a comunidade e os seus moradores na pauta da sociedade.

Os instrumentos de comunicação popular, assim como os movimentos sociais, são criados para beneficiar uma parcela da população que vive à margem da sociedade e sem acesso a princípios básicos de cidadania. E, para atingir tal objetivo, é preciso diferenciar a linguagem, o processo de produção, os enfoques e as pautas das selecionadas pela imprensa comum. É preciso ser o instrumento para transmitir a voz que vem das comunidades e fazer isso sem nenhum recurso ou equipamentos elaborados.

Em seu formato, a comunicação popular não difere muito da comunicação tradicional, visto que produz conteúdos a partir de temas que estão sendo discutidos na atualidade e precisa usar fontes e personagens para contar suas histórias. No entanto, seu maior diferencial está na escolha de cada um desses objetos e de onde se lança o olhar para produzir o conteúdo. Enquanto na comunicação tradicional, as pautas principais estão ligadas a interesses econômicos e políticos que fortalecem o e favorecem o veículo, na comunicação popular o que interessa são os seus personagens, seus leitores e o impacto que os conteúdos podem ter sobre sua vida.

A criação de um veículo de comunicação comunitária envolve trabalho, uma certa dose de coragem e ousadia para buscar espaço em um meio dominado por grandes corporações e uma inquietação em ter (e, muitas vezes precisar criar) alternativas de divulgação de temas e conteúdos ignorados pela imprensa tradicional.

Fica evidente que essa busca por gerar e divulgar discursos próprios e a voz de quem possui muita gente interessada em ouvir, mas poucas oportunidades para falar, é um dos mais fortes combustíveis do *Terra sem Males* e dos demais veículos de comunicação popular.

No TSM, a linguagem é sempre jornalística, mas sem termos técnicos ou expressões desconhecidas pela população, e busca referências no jornalismo literário para contar suas histórias em frases curtas e diretas, e humanizadas. Os temas e as fontes são escolhidas de

acordo com cada pauta, mas sempre usando personagens que retratem o acontecimento e o impacto nas suas vidas diárias, suas lutas e sua voz.

A criação de um espaço e de um veículo destinado somente para divulgar a voz dos trabalhadores e suas lutas surge como uma resposta prática às necessidades de ser instrumento e de aumentar cada vez mais o raio de alcance desses discursos e atitudes que estão acontecendo aqui e ali a todo o momento e que só precisam que alguém tenha a disposição e a disponibilidade de divulgá-los.

Os meios de comunicação popular exercem uma grande influência na quantidade e principalmente na qualidade do conteúdo recebido pelas pessoas, principalmente para aquelas excluídas da mídia tradicional.

Paul Lazarsfeld (1969), em sua teoria conhecida como “Two step flow” defende que as pessoas são capazes de fazer suas próprias escolhas e que há outras influências além da comunicação de massa, pois ela atua numa rede de relações sociais heterogêneas. A teoria do autor indica os “líderes de opinião” como sendo maior incidência de influência para as pessoas, já que muitos deles possuem uma proximidade com os seus interlocutores.

Para o autor, a questão principal é que, na maioria das vezes, os líderes de opinião não recebem a informação diretamente dos meios de comunicação de massa e sim de outros líderes de opinião, em uma cadeia de produção e divulgação de conteúdos qualificados e selecionados em que influentes e influenciados podem trocar constantemente de papéis, de acordo com o tema.

Essa teoria nos sugere que tanto indivíduos quanto veículos de comunicação podem exercer o papel de líderes de opinião seguindo a metodologia de Lazarsfeld. Essa influência pode acontecer com a produção do conteúdo diferenciado para que os leitores tenham acesso às informações que não teriam via imprensa tradicional e também, em tempos de mídias digitais, pelo uso dessas informações por pessoas que também consigam ter seus influenciados, ou seja, que repassem aos seus seguidores o que estão lendo e consumindo em termos de notícias.

Esses indivíduos são chamados por diversos nomes por diferentes autores – líderes de opinião (LAZARSELD), intelectuais orgânicos (GRAMSCI) e reeditor social (TORO), para citar alguns; e necessariamente não fazem parte da comunidade em si, mas possuem

influência a ponto de conseguir indicar o que esses devem consumir também em termos de comunicação e informação.

O termo reeditor social criado por TORO (2007) explicita o conceito de uma pessoa que, por sua atuação social, ocupação ou trabalho tem a possibilidade e a capacidade de reeditar, de acordo com o seu público leitor, mensagens relevantes de forma totalmente adequadas ao público-alvo. Além dessa readequação, as mensagens selecionadas pelo reeditor e repassadas aos seus leitores seguem imbuídas da credibilidade e legitimidade que ele possui junto àquele público. Ou seja, esse reeditor, além de ser uma pessoa que possui leitores próprios e fiéis, também possui influência para selecionar o que o seu público irá ler e pensar, uma vez que, ao adequar os conteúdos de acordo com o seu público, enriquece a mensagem e amplia o entendimento dos propósitos e sentidos. O reeditor reforça o conceito de democracia e de cidadania, de uma sociedade que constrói sua própria ordem.

O intelectual orgânico, de GRAMSCI (1982), é aquele que provém de sua classe social de origem e a ela mantém-se vinculado mesmo ao atuar como porta-voz da ideologia e interesse de uma classe diferente. A ele é atribuída a incumbência, segundo Gramsci, de estreitar a distância entre as classes que participa e aproximá-las a fim de romper com a hegemonia burguesa a partir da formulação do questionamento e crítica social capazes de abalar e superar a ideologia dominante e, numa segunda etapa, desenvolver as bases de uma nova ideologia.

Conseguimos visualizar um pouco de cada um desses conceitos no trabalho desenvolvido pelos editores do *Terra sem Males*. Afinal, mais do que leitores fiéis, esses influenciadores possuem a capacidade de produzir ou readequar os conteúdos de acordo com os seus receptores e, dessa forma, criar sentidos diferenciados para as mensagens recebidas, já que empresta sua credibilidade e legitimidade junto ao seu público próprio e auxilia esses a, em cadeia, repassar informação de qualidade e de interesse dos influenciados.

Esse novo arranjo em que os indivíduos que atuam em meios de comunicação popular tanto podem emergir da comunidade como serem intelectuais orgânicos, tal como definido por Gramsci, e atuarem para e com ela, ampliou a possibilidade de acesso tanto das pessoas aos conteúdos produzidos por esses veículos e replicados por esses multiplicadores quanto desses ao cotidiano de seus públicos-alvo, possibilitando um novo olhar sobre essas pessoas e a descoberta de enfoques não explorados pelos veículos da mídia tradicional.

O ciberespaço contribuiu para propagar ainda mais essa prática, uma vez que destruiu as barreiras físicas que antes obrigavam os líderes de opinião a estar próximo fisicamente de suas comunidades e seus influenciados. Com a queda dessa barreira, hoje, mais do que proximidade ou formação técnica, essa liderança ganha forma por meio da atuação, posicionamento e visão social e política do veículo e seus produtores e multiplicadores.

As tecnologias da informação trouxeram a tendência de compartilhar e indicar conteúdos e estimulam a criação de redes virtuais que são formadas por pessoas unidas por objetivos comuns da vida real, facilitando e fortalecendo a comunicação popular e garantindo o acesso à informação de qualidade produzida por veículos não ligados às grandes corporações da imprensa brasileira.

Essa aproximação público-alvo produtor de conteúdo conduz o leitor a conhecer histórias de pessoas comuns por traz dos grandes temas, humaniza o jornalismo e cria espaço para divulgar aquilo que realmente causa impacto nas pessoas, além de ampliar o acesso à cidadania ao dar a eles espaços para divulgar suas lutas e suas vidas.

É possível concluir que o *Terra sem Males*, da maneira com que é conduzido hoje, é um veículo de comunicação popular – uma vez que suas reportagens retratam e tem como opção mostrar a realidade de pessoas que vivem à margem da sociedade e, com sua atuação, por meio da comunicação, auxiliar no acesso à informação e à cidadania - e um veículo de comunicação alternativa - visto que possui opção clara por conteúdos diferentes dos que são retratados pela imprensa tradicional e que, primordialmente, priorizam mostrar o ponto de vista dos trabalhadores e romper com o padrão da imprensa hegemônica.

Por se tratar de um veículo elaborado por pessoas que não vivem nas comunidades retratadas, mas atuam organicamente junto a essas, o TSM não pode ser encaixado no conceito de um veículo específico de comunicação popular. O mesmo ocorre com o conceito de veículo alternativo, já que a atuação dos editores junto à comunidade que retrata rompe com essa barreira. A hibridade contida em sua atuação sugere que ele ocupa um espaço entre esses dois conceitos, o que poderíamos sugerir como um veículo de atuação popu-alternativo.

Dessa forma, o site *Terra sem Males*, por se tratar um veículo de comunicação híbrido, que chamamos aqui de popu-alternativo, aparece como uma alternativa de informação e divulgação de temas relevantes para uma parcela da sociedade sem espaço para divulgar a sua voz, como facilitador na busca pela cidadania para essas pessoas que vivem à

margem da grande imprensa e também uma fonte de conteúdo qualificado para diversos multiplicadores.

Neste contexto, é possível concluir que a comunicação popu-alternativa, aqui representada pelo *Terra sem Males*, surge como mediadora e uma opção de espaço de acesso e voz para uma parcela da população que não se vê contemplada na mídia tradicional. E precisa crescer e se expandir para transmitir a voz de cada vez mais cidadãos. Talvez esse seja um dos caminhos possíveis para uma sociedade mais justa e igualitária.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTON, David; LEE, Carmen. A pesquisa da linguagem online: textos e práticas digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BENJAMIM, Walter. Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CANCLINI, Néstor García. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CATTANI, Antonio David; HOLZMANN, Lorena. Dicionário de trabalho e tecnologia. Porto Alegre: Zouk, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. O Discurso das Mídias. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa Qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis: Vozes, 2006.
- FERREIRA, Jairo; VIZER, Eduardo (org.). Mídia e movimentos sociais - Linguagens e coletivos em ação. São Paulo: Paulus, 2007.
- FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- \_\_\_\_\_. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 2005
- \_\_\_\_\_. Vigiar e Punir. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982.
- GRINSPUN, Míriam P. S. – Educação Tecnológica – desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 2009.
- GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno. Movimentos sociais na era global. Petrópolis: Vozes, 2014.
- \_\_\_\_\_. Cidadania, meios de comunicação de massas, associativismo e movimentos sociais. In: ALMEIDA, Fernando Ferreira de; PERUZZO, Cicília K. (orgs). Comunicação para a cidadania. São Paulo/ Salvador: Uneb/ Intercom, 2003.
- GOMES, Pedro Gilberto. Comunicação social. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.
- HALL, Stuart. A identidade na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- KUCINSKI, Bernardo. A síndrome da antena parabólica. São Paulo: Fundação Perceus Abramo, 1998.
- \_\_\_\_\_. Jornalistas e revolucionários. São Paulo: Página Aberta, 1991.
- LAZARSFELD, Paul. People's choice: how the voter makes up his mind in a presidential campaign. New York: Columbia University, 1969.
- JOLY, Martine. Introdução à Análise da Imagem. Lisboa: Editora 70, 2007.
- LIMA, Venício Artur de. Comunicação e Cultura: as ideias de Paulo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- MARCONDES FILHO, Ciro. O Capital da notícia – Jornalismo como produção social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio; XAVIER, Antonio Carlos. Hipertexto e Gêneros Digitais. São Paulo: Cortez, 2010.

- MARTINO, L. M. S. Estética da comunicação: da consciência comunicativa ao eu digital. Petrópolis: Vozes, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. São Paulo: Vozes, 1992.
- NEVES, André de Jesus. A voz e a dispersão do autor no ciberespaço. In: \_\_\_\_\_. Cibercultura e literatura - identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction). Jundiaí: Paco Editorial, 2014. (p. 79 - 84)
- \_\_\_\_\_. Identidades flutuantes e a construção da identidade autoral no ciberespaço. In: \_\_\_\_\_. Cibercultura e literatura - identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fã (fanfiction). Jundiaí: Paco Editorial, 2014. (p. 121 - 130)
- PAIVA, Raquel. O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; ALMEIDA, Fernando Ferreira de - Comunicação para a cidadania. Salvador/São Paulo: Intercom/UNEB, 2003.
- \_\_\_\_\_. Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PINTO, Álvaro Vieira. O conceito de tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto: 2005.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. Política cibercultural: ativismo político à distância na comunidade transnacional imaginada-virtual. IN: ALVAREZ, Sonia E.; Evelina, DAGNINO; ESCOBAR, Arturo. Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. São Paulo: Cortez, 2010.
- TERRA sem Males. 2016. Disponível em: <<http://www.terrasemmal.com.br/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- TORO, José Bernardo; WERNECK, Nisia Maria Duarte. Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação. Belo Horizonte, BH: Autêntica, 2007.
- THOMPSON, Paul. A voz do Passado. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 1992.

## **APÊNDICE**

Entrevista com fundadores e editores – Paula Zarth Padilha e Joka Madruga

### **1 . Quando e com que objetivo foi criado o site do TSM?**

(Joka) Em 1999 fiz um curso de HTML e a conclusão deveria ser a criação de um site. Optei por um site de notícias voltado para os movimentos sociais. E o batizei de Terra Sem Males e hospedei num provedor gratuito. Mas não consegui tocar adiante. Isto ficou me incomodando por 10 anos, até que em 2009 registrei o domínio e voltei a publicar. Porém sem periodicidade e sem investimento algum. Já no ano de 2015, a partir de fevereiro, durante a greve dos professores no Paraná, comentei com a Paula, minha companheira, de que precisávamos ajudar na visibilidade da luta destes trabalhadores. Comentei com ela sobre este projeto, que era esporádico. A entrada dela no projeto melhorou os ânimos e deu vida. Desde então estamos nesta parceria. Hoje o TSM é um projeto de jornalismo independente voltado aos trabalhadores. Nosso compromisso é dar voz e visibilidade a quem a mídia burguesa não dá.

### **2. De onde surgiu o nome?**

(Joka) Ouvi o termo Terra Sem Males e seu significado em 1992, durante a Campanha da Fraternidade, uma atividade da Igreja Católica no Brasil. Desde então isto ficou marcado em minha mente e modo de viver. E quando decidi em ter um site voltado aos trabalhadores e movimentos sociais, tinha que ser este nome significativo, que é baseado na vivência dos povos guaranis que sempre estão em busca de uma terra sem mal.

### **3. Atualmente, como é o processo de escolha de temas?**

(Paula) Os temas abordados no site do Terra Sem Males são os que a gente espera que sejam de interesse dos trabalhadores, incluindo o lazer, com os colunistas de futebol e literatura. A cobertura política, seja em coluna de opinião ou em matéria, é feita também sob esse aspecto, em que determinado assunto pode interferir na vida da população. A abordagem é sempre sob o ponto de vista dos trabalhadores, dos movimentos sociais. E sempre buscamos fomentar as abordagens com informações oficiais, com documentos, sem se pautar por abordagens da mídia comercial. Se algum tema já foi abordado por mídias populares, compartilhamos. Se é algum assunto ainda pouco abordado, publicamos uma matéria própria no site. O processo de escolha dos temas envolve basicamente o que circula pela internet, com monitoramento de sites oficiais, ou com informações de bastidores, denúncias, de pessoas que procuram o Terra

Sem Males para que sejamos o veículo a divulgar. Também damos visibilidade a publicações oficiais dos movimentos sociais, sindicatos e divulgamos os debates dos eventos que participamos como ouvintes.

#### **4. E da criação das notícias – textos e imagens?**

(Paula) – A criação de notícias de texto depende muito de quando temos disponibilidade de estar nas ruas tanto quanto a de fotos. Se por um lado monitoramos documentos oficiais para publicação de notícias informativas, por outro, as reportagens são essencialmente de rua. Muitas vezes Joka está sozinho nas ruas, fotografando em apoio a sindicatos ou movimentos sociais e damos visibilidade às pautas no Terra Sem Males, mesmo que eu não esteja presente. Quando Joka viaja sozinho para um projeto fotográfico, dou suporte online com decupagem de entrevistas que ele grava, por exemplo, e sigo suas orientações sobre como a reportagem de texto deve ser encaminhada. Nestes casos, também atuo monitorando temas correlatos, como os que envolvem decisões judiciais, por exemplo.

#### **5. As imagens são um ponto forte do site. Porque?**

(Joka) Sim. Não porque ele foi idealizado por um repórter fotográfico, mas porque em tempos de redes sociais a imagem é fundamental para que o leitor se aproxime. E na sequência vem o texto para garantir ainda mais a qualidade da informação.

#### **6. De certa forma, ao conduzir um veículo de comunicação popular, o intelectual passa a ser o responsável por transmitir a voz da comunidade. Como vocês veem esse processo? E como se veem no processo?**

(Paula) Para mim é exercer o conceito de jornalismo, de ser o porta voz da informação. Mas a comunicação popular da reportagem de rua te faz tomar o partido, se posicionar, te envolve afetivamente nos locais que você visita. Eu me coloco no lugar do personagem, ou ao menos tento vivenciar aquela vida. Eu sinto muito como um mundo paralelo tudo o que vivi nesse tempo de atuação pelo Terra Sem Males, pois as histórias de luta dos movimentos sociais, especialmente nas questões de moradia popular ou da luta pelo alimento saudável, são existências num mundo de certa forma paralelo ao que ao menos minha vida tinha me proporcionado até então. É você fazer de toda a sua existência e de tudo que está a sua volta, jornalismo para contar essas histórias que são desconhecidas de grande parte da população, que tem o filtro da TV comercial principalmente, que invisibiliza, despreza ou criminaliza

essas lutas e histórias. Eu não me vejo parte do processo, mas todos os personagens e histórias que contam são parte do meu processo e alteram minha vida de alguma forma.

(Joka) Não me vejo como um intelectual (risos). Mas é como a Paula disse. Tem que se colocar, ou se imaginar, no lugar das pessoas que precisam de uma voz para suas lutas. E creio que temos ajudado, dentro de nossos limites, a contribuir um pouco mais para que as lutas populares não sejam escondidas.

#### **7. Vocês recebem algum retorno da comunidade/personagens com relação aos textos que criam?**

(Paula) Os retornos variam muito e já foram mais intensos. Desde que comecei no TSM, em fevereiro de 2015, o número de postagens aumentou consideravelmente, especialmente porque a gente cobria a greve dos educadores. Joka era fotógrafo oficial da APP e eu procurava escrever com abordagens não publicadas pelo sindicato nem pelos grandes jornais e foi a partir daí que a gente começou a “virar referência”, com o “ineditismo” e com matérias no ar “antes” dos outros sites, ao menos os progressistas, de esquerda, da mídia não comercial. As reações vêm pessoalmente, via internet pelos perfis pessoais, ou com mensagens de desconhecidos na fanpage do site. A gente acredita que a evolução do Terra Sem Males tenha motivado outros veículos de comunicação não comercial. Não temos dados sobre isso, é só uma impressão. E num segundo aspecto que ficou mais evidente em 2016, foi a quantidade de estudantes de jornalismo que nos procuraram, isso foi depois da Agência Pública nos procurar para entrarmos no “Mapa do Jornalismo Independente”, um ranking nacional.

(Joka) Realmente, estar na pesquisa da Agência Pública ajudou a nos inserir no meio acadêmico. Mas também há entidades e comunidades que nos convidam para seus eventos, para que possamos reproduzir o que eles estão fazendo. E o retorno se dá com eles próprios compartilhando nossas matérias. Ficamos muito felizes quando isto acontece. Sinal de que aprovaram o conteúdo (risos).

#### **8. Qual o envolvimento de vocês com as comunidades/personagens retratadas no site?**

(Paula) Eu, particularmente, por mais dificuldade que os personagens passem na vida, especialmente os sem terra e os sem teto, os enxergo pelo viés da disposição para a luta e para

a mobilização e sempre que entrei em seus lares provisórios tive a sensação que seria uma luta que eu queria pra mim. Eu não vejo tristeza, dificuldade, ou dó, por exemplo, eu vejo o objetivo maior. Até eu ser parte do Terra Sem Males, tive pouco ou nenhum contato com representantes de movimentos sociais, talvez em algum evento sindical, mas não conhecia essa abordagem que a gente tenta sempre ter com o Terra Sem Males, de mostrar a luta sob a ótica desse trabalhador/militante.

(Joka) Sou militante desde 1989, quando entrei num grupo de jovens católicos em Andirá, no interior do Paraná. De lá para cá mantive uma boa relação com lideranças dos movimentos sociais e sindicais. Isto ajuda muito a produzir pautas. Como sou conhecido de boa parte deles, sempre nos acolhem.

### **9. Qual o estilo de linguagem escolhida como principal nos textos do TSM?**

(Paula) A linguagem é jornalística mas eu ao menos raramente utilizo a pirâmide invertida do jornalismo, prefiro escrever tentando sempre encontrar referências no jornalismo literário, mas sem deixar de lado frases curtas e diretas, sem utilizar termos técnicos ou desconhecidos da população. Os jornalistas e colunistas do coletivo (todos jornalistas) têm liberdade textual mas eu e Joka temos a prerrogativa da edição/revisão. Tento não modificar estruturas, mas na medida do possível termos mais difíceis são substituídos por termos de melhor compreensão.

(Joka) É isto. É escrever coisas que o leitor vá entender. Tanto nos textos como nas fotos.

### **10. Vocês tem noção do público alvo atingido pelo site? É o mesmo que vocês haviam definido?**

(Paula) Acredito que a ampliação dos acessos ao site via fanpage, que estamos com 10 mil “curtidas” tenha ampliado consideravelmente o público alvo, mas acredito que a maioria pode se considerar de esquerda (ou progressista), são pessoas de diversos estados do Brasil, pois utilizamos o Terra Sem Males para também dar visibilidade aos projetos fotográficos do Joka, que não são no Paraná, e também a seminários, congressos e demais eventos que participamos pelo país, geralmente com temas abordados por intelectuais, professores universitários, comunicadores populares. Sempre damos visibilidade a eventos de formação. E como isso normalmente não é feito por sites de notícias, às vezes somos o único veículo de comunicação, além do oficial dos eventos, a produzir conteúdo. Utilizamos esses eventos para divulgar o site também, e a nossa forma de divulgar o site é distribuir as versões impressas

dos jornais para as pessoas em eventos, atos, manifestações. Isso amplia muito o público-alvo, chega quase a fugir do controle.

(Joka) Tem muitos estudantes que nos leem. Mas temos alguns haters também, os quais agradecemos a audiência.

### **11. Há uma estimativa de número de acesso diário?**

(Joka) Isto é muito relativo. Na média tem sido de 500 a 600, mas temos matérias que já chegaram a 14 mil acessos num dia.

### **12. Qual a intenção de fazer um TSM escrito? Pretendia atingir um público diferente?**

(Paula) Um dia Joka me disse “vamos fazer um jornal” e eu desacreditava um pouco mas na semana seguinte a gente já tinha o projeto gráfico que ele pensava e de minha parte fui fazer o que é mais legal na vida: conhecer histórias e traduzir no formato texto, e explorar outros temas paralelos. Cada edição do jornal tem um link específico no site com uma listagem de matérias que são pensadas especialmente para o conteúdo online. Os assuntos não se esgotam na edição impressa.

(Joka) A intenção era de ajudar na divulgação do projeto. O Terra Sem Males é um projeto de jornalismo. Ficar só no site seria limitar nossa criatividade e potencial. E também porque acreditamos que o impresso ainda tem seu valor. E ainda mais com a proposta que temos: muitas fotos e textos diretos. É uma alegria chegar num sindicato, igreja, escritório e ver um pôster do TSM na parede. E aguardem, vem novidade por aí. O projeto vai ter mais um “filho” em breve.

### **13. Quem são as pessoas que participam da elaboração do conteúdo para o site?**

Editores e repórteres:

Joka Madruga, repórter fotográfico (assina a coluna Olhar Sem Males)

Paula Zarth Padilha, jornalista (assina a coluna de crônicas Pensamentos Imperfeitos).

Parceiros:

Manoel Ramires, jornalista, assina as colunas Pinga-Fogo (política) e Avanti Palestrinos (Palmeiras), é repórter do site e também atualiza a fanpage no facebook.

Pedro Carrano, jornalista (assina a coluna de contos e crônicas Mate, Café e Letras).

Regis Luís Cardoso, jornalista (assina a coluna LP Crônicas Musicais).

Roger Pereira, jornalista (assina a coluna GV Inferior, sobre o Atlético Paranaense).

Marcio Mittelbach, jornalista (assina a coluna Guerreiro Valente, sobre o Paraná Clube)

#### **14. Como se mantém o TSM do ponto de vista financeiro?**

(Paula) Não temos uma estrutura de viabilização financeira, apenas espaços para apoiadores nos jornais impressos, que são viabilizados conforme é possível financeiramente. Aproveitamos viagens viabilizadas por nossas atividades profissionais remuneradas para produzir reportagens e coberturas jornalísticas, e até mesmo aproveitamos percursos de viagens de férias para ir a lugares mais distantes, como foi a ida para Quedas do Iguaçu, nesse caso, financiamos com recursos próprios oriundos de trabalhos freelancers do Joka. Temos a intenção de conseguir recursos com venda de fotos profissionais impressas. Já conversamos muito sobre isso, pensamos em algumas alternativas, mas o que a gente mais tenta viabilizar mesmo é o impresso, que a gente consegue com o apoio de sindicatos e amigos que doam pequenos valores para rodar o jornal. A gente pensa em remunerar de alguma forma os jornalistas e colunistas, mas até o momento o trabalho e tempo envolvido é totalmente voluntário. Os colunistas nos procuraram para escrever para o Terra Sem Males, é o jeito que melhor funciona sem ter suporte financeiro. O site tem um custo pequeno anual que o Joka paga com recursos próprios. Existe uma intenção do Terra Sem Males ser algo maior, como uma empresa de produção de conteúdo ou uma entidade, mas por enquanto somos um coletivo de jornalistas parceiros e voluntários.

#### **15. Qual o envolvimento do TSM com os movimentos sociais?**

(Paula) Acredito que somos uma mídia que dá visibilidade a eles sem criminalizá-los e que somos aceitos em suas ocupações, acampamentos, assentamentos, mobilizações, manifestações. Mas não estamos sempre presentes como gostaríamos ou deveríamos, pois eu tenho um emprego fixo e uma filha pequena, só acompanho o que essas duas variáveis me permitem.

#### **16. Qual o objetivo de vocês, enquanto veículo?**

(Paula) A gente costuma pensar e verbalizar que somos um veículo de comunicação independente, com linguagem popular, para dar voz a quem não tem voz e que não estamos aqui para concorrer com as demais iniciativas, mas para somar. Essa é a nossa luta diária, somar na comunicação não-comercial.

(Joka) Mostrar a luta dos trabalhadores e trabalhadoras.

### **17. Qual o objetivo de vocês, enquanto pessoas e profissionais?**

(Paula) Eu não sei se tenho um objetivo-fim com o Terra Sem Males, mas posso dizer que me encontrei como profissional do jornalismo nesse veículo de comunicação independente. Posso escrever quando eu quero e também não escrever se não me sentir confortável ou avaliar que as informações que tenham não sejam suficientes para subsidiar conteúdo. Eu posso acompanhar um evento como ouvinte e, sem pressão ou comprometimento de cumprir uma pauta, escrever ou não sobre ele, posso variar nas formas de abordagem, posso exercer um processo criativo que um emprego convencional remunerado não me permite. Eu não sei se um dia serei só Terra Sem Males porque tenho uma filha pequena e sou de certa forma condicionada a ter um salário fixo, sinto essa insegurança financeira. Mas eu dou todo o apoio e conhecimento e força de vontade que tenho ao Terra Sem Males. Para mim, foi minha única chance como jornalista desde que escolhi a profissão. Nunca trabalhei em redação da mídia comercial, não há comparativos para o trabalho que faço no Terra Sem Males. Exercer a escrita e ter acesso aos mundos paralelos que conheci são, de certa forma, minhas recompensas. A cada compartilhamento ou republicação em outros sites também dá aquele gostinho de missão cumprida.

(Joka) Ter mais tempo para o jornalismo independente.

### **18. Quais são os sonhos e objetivos futuros com o TSM?**

(Joka) Que o TSM seja auto-sustentável. Seja com a venda de fotos ou outro meio. Mas de ter recursos suficientes para financiar grandes reportagens mundo afora. Há muitas histórias de trabalhadores para ser contada.

### **19. Conte-nos um momento em que perceberam o impacto do TSM?**

(Paula) Inegável o impacto do formato do impresso. É um jornal que quando você distribui na rua as pessoas te abordam para ver o que é, dificilmente recusam. No mínimo, desperta a curiosidade. A evolução do número de seguidores no facebook também é impactante. No período de um ano foi de 500 para 5 mil. Estamos chegamos nos 10 mil agora em setembro. Quanto às matérias, algumas têm mais impacto, algumas a gente acha que vai ter mais acesso e repercussão e se decepciona. Mas geralmente a gente “ganha” quando publica primeiro.

(Joka) Inclusive como objeto de estudo na academia (risos).

**20. Alguma passagem interessante que não está contemplada nas perguntas anteriores?**

(Joka) Acredito que seja isto. Estamos à disposição para tirar dúvidas e receber sugestões para melhorar ainda mais o trabalho. Obrigado pela escolha.

## ANEXO A

### ATINGIDOS PELA LAMA DA SAMARCO (VALE/BHP-BILLITON) NÃO SÃO SÓ OS DESABRIGADOS

<http://www.terrasemnales.com.br/atingidos-pela-lama-da-samarco-valebhp-billiton-nao-sao-so-os-desabrigados/>



Propriedade destruída no arraial Camargos, em Mariana-MG. Foto: Joka Madruga

Moradores dos subdistritos de Pedras e Campinas, no município de Mariana-MG, relatam como foi o dia em que a lama de rejeitos de minérios chegou na localidade após o rompimento da barragem Fundão, de propriedade da Samarco, empresa das gigantes mineradoras Vale e BHP-Billiton.

Todos e todas com quem conversamos disseram que não foram avisados pela empresa, mas por um “homem de moto” da região, pai de um trabalhador da Vale. Algumas famílias não acreditaram no alerta.

Nesta região o povo ficou ilhado durante 05 dias, pois de um lado a lama encobriu a estrada e do outro levou embora uma ponte.

**Abaixo alguns relatos:**



A lama da Vale encobriu boa parte da pastagem dos produtores de leite, que ficaram sem ração durante cinco dias. Foto: Joka Madruga

Clodoaldo Carneiro, produtor de leite, precisou alugar um pasto do vizinho para manter seus animais. Antes da tragédia ele produzia cerca de 400L de leite por dia. Agora está na média de 250L diários. Carneiro e sua mãe têm 193 hectares de terra, sendo que metade foi engolido pela lama da Vale/BHP-Billiton/Samarco. Só ficou a parte onde tem morro.

Ele e sua mãe foram avisados às 19h, (o rompimento aconteceu por volta das 16h30), quando chegaram na residência, que fica no meio do morro e por isto não tiveram a casa destruída. A lama chegou em Pedras às 21h15 e pouco antes eles passaram pela ponte que foi levada.

Sobre o trabalho do Movimento dos Atingidos por Barragens, em organizar o povo para lutarem por seus direitos, ele é enfático: “tudo que for organizado e fazer o povo se unir, sem ninguém levar vantagem, é válido”. Ele não quis ser fotografado, mas seu olhar denunciava sua indignação.

Para o agricultor familiar Manoel da Silva, aumentou o trabalho para dar água para o gado, que não bebe mais do rio, que fica a uns 100 metros de sua residência. Agora tem que levar para um outro lugar mais distante.



Manoel da Silva e ao fundo o rio de lama em sua propriedade. Foto: Joka Madruga

Maria Goreti, disse que os animais ficaram 5 dias sem alimentos. “Os animais (vacas leiteiras) ficavam olhando pra gente e berrando pedindo ração. Elas não gostam do pasto no morro, elas querem ficar na pastagem perto do rio (que está coberta de lama)”, relata com os olhos lacrimejando.



Maria Goreti e seus animais. Foto: Joka Madruga

Cristiana Aparecida, agente de saúde em Pedras, não consegue dormir de preocupação por causa da lama na estrada e a ponte caída. “Deito na cama e fico preocupada. E se alguém adoecer? Não tem como sair com rapidez. Minha filha chegava da escola as 11h30, agora leva umas duas horas a mais, pois o motorista do ônibus precisa dar uma volta imensa. Espero recuperem a ponte logo”, desabafa num misto de emoção e revolta.



Cristiana, agente de saúde da comunidade de Pedras. Foto: Joka Madruga

Maria Macedo, agricultora, e seu marido foram avisados, mas não acreditaram. Eles só se deram conta do que vinha pela frente quando ouviram o barulho da lama descendo. “Deu um estalo na cachoeira que tremeu tudo, acabou a luz, desatei os cachorros que estavam amarrados, peguei a bolsa de documentos e subimos o morro. Lá ficamos até o dia clarear e só voltamos quando a lama baixou. Perdemos galinhas, patos, uma roçadeira, plantações de mandioca, milho, feijão e enxadas. Os patos quando andam na lama dão uma pirueta e caem mortos”, explica.



Maria Macedo teve que sair de casa às pressas por causa da lama. Foto: Joka Madruga

O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) atua há mais de 20 anos na organização de quem tem suas vidas prejudicadas pela ganância de uns poucos. O MAB defende que todos os atingidos tem direito de ficar em situação igual ou melhor do que antes. E que todas as decisões devem ser tomadas pelos atingidos e atingidas.



Em alguns pontos a lama subiu mais 15 metros, destruindo casas e outras construções. Foto: Joka Madruga



Cenário de guerra na comunidade de Paracatu de Baixo. Foto: Joka Madruga



Destrução em Paracatu de Baixo, distrito de Mariana-MG. Foto: Joka Madruga

## ANEXO B

### 24 HORAS NUM ACAMPAMENTO SEM TERRA

<http://www.terrasem males.com.br/24-horas-num-acampamento-sem-terra/>



Acampamento Dom Tomás Balduino, em Quedas do Iguaçu-PR. Foto: Joka Madruga/Terra Sem Males

***Imagine a rotina de famílias que vivem acampadas em busca de um sonho de moradia digna. Agora abra os olhos.***

Quedas do Iguaçu, município do centro-oeste do Paraná. No final da tarde de uma quarta-feira, semana véspera de carnaval, chegamos ao acampamento Dom Tomás Balduino, formado em julho de 2015 por famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

O acampamento tem uma população de 1,2 mil famílias, entre elas cerca de 400 crianças, é 70% estruturado com casas de madeira. Alguns permanecem em barracos de lona. Os pequenos luxos das moradias são uma lâmpada e uma tomada ligada à energia elétrica por casa, além de água encanada na pia. Também há estrutura de banheiro, ainda que as instalações sejam precárias.

Uma vez por semana, médicos cubanos do programa Mais Médicos prestam atendimento de saúde às famílias. A escola itinerante já está em funcionamento com todas as séries, inclusive ensino médio, e conta com estrutura do Estado, que garante luz, internet, material escolar e os professores contratados.

A estrutura para instalação de escola é sempre prioridade nos acampamentos. “Temos a escola como estratégia de resistência. A proposta pedagógica é diferenciada”, conta Juliana de Melo, jovem de 19 anos formada no magistério, uma das professoras que é também moradora de acampamento e que assumiu turmas sem ajuda de custo e sem o reconhecimento inicial da escola.

### **Luta diária**

Os moradores acampados se reúnem às 7h30 para o café da manhã coletivo e juntos seguem para uma área em que crescem plantações de sementes crioulas de milho e feijão, além da produção de alimentos como mandioca, para subsistência dos moradores do local.

O movimento prioriza a produção agroecológica, a luta pela comida sem veneno, saudável como processo de formação das famílias acampadas. É tarefa semanal das famílias cortar pinus para produzir alimentos. E sem acesso à tecnologia.

“Nós não queremos um pé de pinus dentro dessa área, queremos assentamento para a reforma agrária”, disse Rudmar Moeses, um dos coordenadores do acampamento. O acampamento é organizado em 50 grupos e cada grupo tem um representante na coordenação.

A cidade de Quedas do Iguaçu vive em ebulição desde a formação deste acampamento, que ocupa uma área que a empresa madeireira Araupel disputa judicialmente com a União Federal. A disputa envolve 63 mil hectares de terras férteis que a empresa utiliza para a plantação de pinus e eucalipto.

### **Cidade dividida**

O investimento midiático da Araupel para criminalizar o movimento é notoriamente forte. Passa por anúncios de página inteira publicados em jornais impressos locais, inserções na televisão, espalhando o temor do desemprego se a empresa fechar.

“Quando ocupamos o Herdeiros da Terra, a Araupel era mais forte. Agora com o Dom Tomás, a população está dividida. A proposta da reforma agrária tem visibilidade, o debate está aberto”, diz Wellington Lenon, comunicador popular de 26 anos, que mora no acampamento Herdeiros da Terra.

Os comerciantes não apoiam abertamente o MST, mas se beneficiam da venda de materiais de construção, abrem crediário nos mercados e farmácias e, mais que isso, doam alimentos diariamente para que coletivamente um sopão seja servido para as crianças acampadas. Todos os dias, às 15 horas, é formada uma fila na cozinha coletiva do

acampamento. Mulheres, homens e crianças chegam com suas panelas e vasilhas para levar a comida para casa.

Estivemos com o prefeito de Quedas do Iguaçu, Edson Prado, conhecido como Jacaré. Ele contou que é acusado pela Araupel de apoiar o movimento, mas não afirma que apoia. Em contrapartida, Jacaré está articulando com o governo estadual a implantação de uma cooperativa de laticínios para beneficiar pequenos produtores de leite, nos moldes da Terra Viva, de Santa Catarina, que faz o beneficiamento de produtos do MST. A cooperativa traria ao município a arrecadação de impostos da produção leiteira do MST.

Ainda em fevereiro, o prefeito esteve em uma audiência com o Secretário da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná, Norberto Ortigara, para debater a readequação da estrada que faz ligação entre as rodovias PR 473 e BR 158 nos municípios de Quedas do Iguaçu e Rio Bonito do Iguaçu respectivamente. A obra é considerada fundamental para a viabilização do projeto de instalação do laticínio.

### **Realização dos sonhos**

O assentamento Celso Furtado, localizado também em Quedas do Iguaçu, é responsável pela produção de três milhões de litros de leite por mês, abastecendo 17 empresas de laticínios de outras cidades. Lá vivem 1.400 famílias, em lotes de cinco alqueires.

Anelio Moraes e sua esposa, Lucimar, contam que desde 1999 viveram acampados às margens da BR 158 e foram assentados em 2005, quando começaram a produção leiteira. Atualmente, com 18 vacas, produzem até 5 mil litros de leite ao mês, que é a renda familiar.

Quedas do Iguaçu tem 34 mil habitantes, 8 mil empregos com carteira assinada, sendo 1.200 na Araupel. E cerca de 5 mil famílias acampadas aguardando a reforma agrária. A idealização do sonho da reforma agrária, de viver e produzir em seu pedaço de terra, aparece como justificativa para tamanho sacrifício dos tempos de acampamento.

## ANEXO C

### MASSACRE DE BETO RICHA DEIXA MAIS DE 200 FERIDOS

<http://www.terrasemmas.com.br/massacre-de-beto-richa-deixa-mais-de-200-feridos/>

#### ***Polícia atirou bombas durante uma hora e meia contra funcionários públicos***

Uma partida de futebol. Este foi o tempo que a Polícia Militar passou atirando bombas, de forma ininterrupta, contra os servidores públicos que protestavam pacificamente contra o Projeto de Lei 252/2015. A iniciativa, do Governo Beto Richa (PSDB), está sendo chamada de “Confisco da Previdência” dos servidores públicos. Os atos aconteceram durante a tarde desta quarta-feira (29) no Centro Cívico, o núcleo dos poderes paranaenses.

Professores, funcionários de escola, da saúde, agentes penitenciários e uma série de outros trabalhadores estavam no Centro Cívico quando a Polícia Militar iniciou os ataques. Dados preliminares apontam para mais de 200 pessoas feridas, sendo que aproximadamente 50 foram encaminhadas para hospitais. Algumas em estado grave. A vice-presidenta nacional da CUT, Carmen Foro, foi ferida no braço por uma bomba. “Na minha história de lutadora já fui obrigada a enfrentar a polícia por várias vezes. Ainda mais no meu Estado, o Pará, onde há uma grande violência contra os trabalhadores e trabalhadoras rurais. Mas o que eu vi hoje é muito grave. Todo o aparato do Estado em um combate direto com a população”, analisou.

Carmen também criticou a forma como a situação conduzida pelo governador Beto Richa e seu comando. “Não comparo isto tudo nem com a ditadura militar, mas com uma guerra civil onde as armas não são iguais. Nunca vi um absurdo desse, uma intolerância e truculência como esta”, criticou. Mas apesar da violência, dos feridos e da votação do projeto, ela avalia: “O que vi foi muita coragem dos servidores públicos desse Estado. Deixa um legado fantástico de luta pelos direitos e cidadania. Os ferimentos passam, o que não passará é a humilhação e a retirada dos direitos”, comentou.

A secretária da mulher trabalhadora da CUT Nacional, Rosane Silva, também acompanhava a mobilização da APP-Sindicato e demais servidores e disse estar perplexa com o que aconteceu. “Nunca tinha visto nada parecido. Já participei de muita greve, muito piquete em porta de fábrica, manifestações contra retirada de direitos como 7 de abril em Brasília. Mas aqui nunca vi em minha vida, desde que milito no movimento sindical, algo como aconteceu aqui no Paraná”, afirmou.

“Foram mais de 90 minutos sob fogos de todos os lados. Não tínhamos noção de onde vinha, de cima, de lado, parecia que eram de todos os lugares. Parecia que estávamos na Faixa de Gaza. Essa foi a nossa experiência ontem”, completou. Para ela, o poder público do Paraná precisa ser responsabilizado. “Foi uma decisão do governo estadual, do governador, do presidente da Assembleia Legislativa, do secretário de segurança e de todo o poder público do Paraná. Eles devem ser responsabilizados pelo que aconteceu aqui ontem. Se o governador fosse um ser humano de verdade deveria pedir para sair do cargo, ele não tem condições de governar o Estado”, enfatizou.

“Nunca vi nada assim na minha vida. O governador Beto Richa e o secretário de segurança Fernando Franschini precisam ser responsabilizados pelo o que ocorreu hoje. Vidas foram colocadas em risco, pessoas estão feridas em estado grave por um único motivo: manifestarem-se de maneira pacífica para defender seus direitos, seu dinheiro acumulado ao longo de décadas. Esse é o choque de gestão prometido pelo governador? O sangue dos trabalhadores e trabalhadoras do serviço público?”, questionou a presidenta da CUT Paraná, Regina Cruz.

### **Solidariedade**

Funcionários públicos ajudaram a carregar os feridos, sejam em carros ou até as ambulâncias que chegaram até o local que parecia uma verdadeira praça de guerra. A APP-Sindicato está apresentando assistência, inclusive jurídica, para todos que sofreram com a violência no local. Postos de atendimento médico foram montados na Prefeitura e no Tribunal de Justiça que compõem o complexo do Centro Cívico, além do próprio SAMU que atendia as vítimas que chegavam.

Uma creche, próxima ao centro dos poderes, teve que ser fechada. Crianças passaram mal com o gás lacrimogênio que espalhou-se pela vizinhança enquanto outras choravam assustadas pedindo por suas mães. A direção da APP-Sindicato já anunciou que pretende entrar com um processo criminal contra o governador Beto Richa para que ele seja responsabilizado pelos atos de violência gratuita que aconteceram em Curitiba nesta quarta-feira.

### **Confira Imagens do ataque aos professores**

O repórter fotográfico Joka Madruga esteve mais uma vez na linha de frente das lutas sociais e registrou o massacre, que a imprensa insiste em chamar de confronto.

Confira algumas imagens registradas por Joka Madruga enquanto a polícia do Paraná, a mando do governador Beto Richa, atacava os professores com balas de borracha, gás lacrimogêneo e de efeito moral, spray de pimenta, jatos de água e rasantes de helicóptero. Para nunca mais esquecer!



Curitiba, 29 de abril de 2015. Foto: Joka Madruga.



Curitiba, 29 de abril de 2015. Foto: Joka Madruga.



Curitiba, 29 de abril de 2015. Foto: Joka Madruga.



Curitiba, 29 de abril de 2015. Foto: Joka Madruga.



Curitiba, 29 de abril de 2015. Foto: Joka Madruga.



Curitiba, 29 de abril de 2015. Foto: Joka Madruga.



Curitiba, 29 de abril de 2015. Foto: Joka Madruga.



Curitiba, 29 de abril de 2015. Foto: Joka Madruga.